

Autor: Álvaro César Pestana

CEIA & OFERTA

Como dirigir e participar da ceia do Senhor e da oferta dominical

PROJETO
TIMÓTEO

Estudo disponível no site: projetotimoteo.org.br

www.teologiaemcasa.com.br



Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

CEIA & OFERTA:

Como dirigir e participar da ceia do Senhor
e da oferta dominical

Quarta Edição

ISBN: 978-85-910184-4-4

Álvaro César Pestana

Recife, Escola de Teologia em Casa

(C) 2013 Álvaro César Pestana

[página intencionalmente em branco]

etc

Álvaro César Pestana

CEIA & OFERTA:

Como dirigir e participar da ceia do Senhor
e da oferta dominical

Quarta Edição

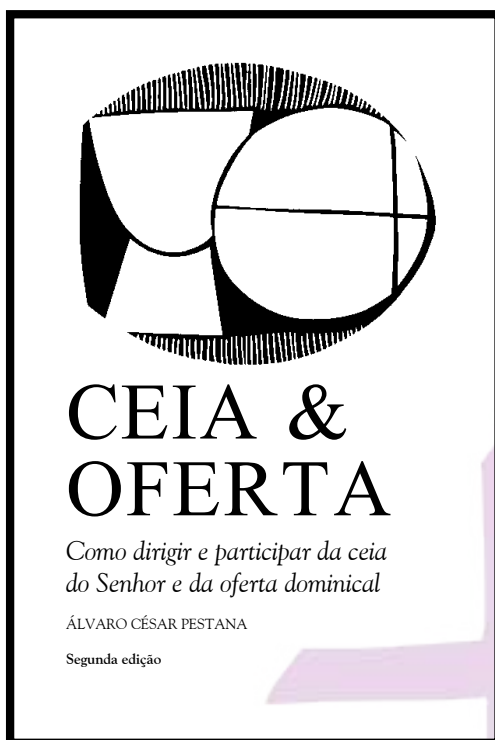
ISBN: 978-85-910184-4-4

Recife

Edição do autor

2013

Capas antigas



PESTANA, Álvaro César. **Ceia & Oferta**: como dirigir e participar da ceia do Senhor e da oferta dominical. Quarta Edição. Recife: Escola de Teologia em Casa, 2013.

58 p.: 30 cm.

1. Ceia do Senhor; 2. Oferta dominical; 3. Igreja; 4. Liturgia e culto; 5. Adoração dominical.

ISBN: 978-85-910184-4-4

(C) 2013 Álvaro César Pestana

Todos os direitos reservados

Índice

Apresentação

Sugestões práticas para quem dirige a ceia do Senhor

Sugestões práticas para quem dirige a oferta

Textos para a ceia e a oferta

Como participar da ceia?

Como participar da oferta dominical?

Alguns pensamentos errados sobre a oferta

Cinco razões para ofertarmos a Deus

Questões importantes sobre a oferta

Os sete “P”s da oferta a Deus

Uma opinião a ser registrada

Questões importantes sobre a ceia

Mais questões sobre a ceia

Comparação entre a ceia e a oferta

Corpo e sangue: a questão da literalidade das palavras de Jesus

É necessário o uso de pão ázimo na ceia?

Sobre a periodicidade da ceia do Senhor

Necessidade na oferta a Deus



Se você não pode ir à escola,
a **Escola de Teologia em Casa**
vai até você!

Visite nosso site e aproveite dos
materiais disponíveis:
www.teologiaemcasa.com.br

Veja alguns depoimentos:

Já pude repassar e me valer de muitas coisas que aprendi no curso. Para mim o curso ETC veio na hora certa. (C.S.M.)

Estou muitíssimo feliz com a decisão de fazer este curso. A impressão que tenho é a de ter a minha mente aberta, a visão sobre a Palavra de Deus se descortinando como um grandioso horizonte de uma bela alvorada à minha frente. (D.A.A.L.)

Eu estou impressionado com o material e com o aprendizado que estou recebendo na escola... Eu tenho aprendido muito, tanto no sentido acadêmico, que é um dos objetivos aqui direcionados, como também o espiritual, que nos ajuda a buscar o amadurecimento na presença de Deus. (F.S.S.)



ETC Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA
www.teologiaemcasa.com.br

Apresentação

Os irmãos convidados ao trabalho de dirigir a ceia e a oferta da reunião dominical estão diante de um trabalho muito importante. A **ceia** é o momento central do culto e, por esta causa, precisa ser bem conduzida. A **oferta** a Deus precisa ser realizada de forma adequada para que os irmãos sejam animados a participar e os visitantes não estranhem o ritual.

O objetivo deste pequeno manual é ajudar na realização destes atos comunitários, tão antigos como a igreja de Jesus, e que caracterizaram sua natureza desde o começo: a igreja proclama Jesus e vive em comunhão, compartilhando até mesmo os bens materiais.

As primeiras edições deste material eram pouco mais do que uma lista de versos para serem usados na ceia ou na oferta. Depois, os estudos foram sendo ampliados e novas ideias e informações foram adicionados. Nesta quarta edição, mantivemos tudo o que estava nas edições anteriores e acrescentamos alguns estudos especiais.

O público-alvo deste trabalho é o obreiro que dirige a ceia ou a oferta em nossas reuniões públicas, seja em prédios de igrejas, seja em casas ou em outros ambientes de reunião do povo de Deus. Apesar disto, pode ser lido e apreciado por todos que querem entender um pouco mais sobre estes dois importantes aspectos da celebração cristã.

Esta edição aproveita para divulgar o trabalho da ETC, por meio de várias propagandas e informativos que estão no meio do texto.

Que Deus possa abençoar a todos por meio deste trabalho e que nosso serviço a Deus seja cada vez mais feito de conformidade com sua vontade para edificação do Corpo de Cristo no poder do Espírito Santo.

Álvaro César Pestana
ETC, Recife, PE
2013



Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

O que é oferecido?

Oferecemos um Curso Livre de Teologia por meio da plataforma **fnoodle**[®] para Educação à Distância.

O que é necessário?

- Vontade e empenho para estudar e aprender.
- Acesso à Internet.
- Matrícula e pagamento das taxas do curso.
- Cumprimento das tarefas e atividades propostas.

Qual a duração?

Dois anos e meio em regime normal. Ou, no tempo que quiser em regime de “aluno especial”.

Como obter informações?

Em nosso site divulgamos:

- Nosso projeto pedagógico.
- Nossa filosofia educacional.
- Nossa metodologia de ensino.
- Recursos disponíveis on-line.

www.teologiaemcasa.com.br

Sugestões práticas para quem dirige a ceia

1. Focalize sua atenção em Cristo. O momento da ceia é para lembrar de Jesus como nosso Deus, Senhor, Salvador e Mestre. Estamos lembrando da sua morte. Estamos dizendo a todos que um dia ele vai voltar. Fazemos isto no dia da sua ressurreição. Todo o pensamento da ceia deve centralizar-se em Jesus.

2. Não entre em outros assuntos. Não fale de outras pessoas e não fale de si mesmo: só Jesus deve ser exaltado. Não conte casos, filmes, fofocas e notícias: fale do Salvador e o que ele fez por nós. Não ensine sobre outros aspectos da vida cristã tais como honestidade, perseverança e outras coisas boas que a Bíblia ensina: a hora da ceia é para lembrar de Jesus e da comunhão que temos com ele e com os irmãos. Não fale do que devemos esquecer, como as preocupações, as diversões etc.: fale do que devemos lembrar. Na ceia, seja positivo - fale de Jesus.

3. Deixe a Bíblia falar. Escolha poucos textos e fique neles. A boa explicação e aplicação destes ao alvo da ceia, que é lembrar de Jesus, fará com que a palestra seja objetiva e bíblica. Quando o homem fala pouco e a Bíblia fala mais, Deus acaba falando mais!

4. Use bem o tempo. O objetivo daquele que conduz a igreja na ceia do Senhor não é o de fazer um segundo sermão no culto. Seu alvo é conduzir pensamentos a Cristo. Se ele demorar muito, pode cansar e não conseguir levar a igreja a pensar em Jesus, mas sim pensar na demora! O objetivo é levar à reflexão. Muitas vezes, pouco tempo é necessário para fazer as pessoas pensarem no assunto.

5. Fique no alvo certo. A ceia não é o momento de fazer um sermão para evangelizar o visitante. A ceia não é o momento de corrigir alguma coisa que foi realizada incorretamente nos trabalhos anteriores. O alvo é lembrar de Jesus como Salvador, que por graça nos salvou. Sua morte redentora é o ponto central da comemoração.

6. Desenvolva a atitude correta. A postura para a ceia deve ser nobre, respeitosa, reverente e cheia de amor para com Deus e nossos irmãos. Tomar a ceia “indignamente” é tomar a ceia sem respeitar a Cristo e os irmãos. É isto que traz juízo e condenação aos desrespeitosos.

7. Incentive todos os irmãos para participar. Todos devem participar. A ideia de não participar por ter feito algo errado não é

bíblica. A ordem apostólica é: “examine-se o homem a si mesmo e assim coma do pão e beba do cálice”. É para pensar em Cristo e comer!

8. Instrua o não cristão para que ele saiba o que fazer. Se ele sabe o significado da ceia, pode participar - sob sua responsabilidade. Muitas vezes, alguém batizado em Cristo visita nossa reunião e toma da ceia: isto não é irregular. Se, contudo, ele não entende o que é a ceia por não ter sido batizado em Cristo, é melhor avisá-lo para não participar. A ceia é um ato dos cristãos que celebra a redenção recebida. Quem não recebeu não tem o que celebrar.

9. As orações devem estar ligadas com o objetivo da ceia. As orações pelo pão e pelo cálice devem lembrar Jesus. A bênção sobre os elementos e sobre o momento de participação deve ser compatível com o momento. Oração por outros tipos de pedidos deve ser deixada para o momento adequado, a não ser em casos excepcionais ou de extrema necessidade.

10. Participe da ceia dignamente. Assim como a igreja participa da ceia pensando em Jesus, o irmão que está conduzindo a palavra deve lembrar-se de também participar dignamente. O fato de estar dirigindo a ceia não deve impedir de prestar atenção em Cristo.

Sugestões práticas para quem dirige a oferta

1. Focalize sua atenção em Cristo e em Deus. A oferta, como tudo no culto, remete a Jesus e a Deus. Se vamos ofertar é sempre em resultado de nosso amor para com Jesus e reconhecendo o seu amor para conosco. A oferta é ato de culto e não tarefa administrativa ou material da igreja.

2. Não fale do pagamento das contas. De fato, o dinheiro será usado para a realização da obra de Deus, mas a oferta é feita a Deus e não à companhia de água, luz etc. Devemos ressaltar o aspecto espiritual da oferta e não apenas o uso final do mesmo. A oferta é usada para pagar estas contas somente porque desta forma estaremos dando continuidade ao trabalho de Deus.

3. Não fale de “dízimo”. Isto gera confusão. Não damos obrigatoriamente 10% na oferta como faziam os judeus para com os levitas. O Novo Testamento não fala de dízimo como um modo de falar da oferta. Logo não estamos autorizados a usar o termo para descrever a oferta.

4. Não use a frase estereotipada “dar um pouco do muito que Deus nos tem dado”. O uso desta frase dá a impressão que queremos ofertar pouco a Deus, por avareza e mesquinharia. Sem dúvida, por mais que ofertarmos, nossa oferta sempre será pouco em relação ao que Deus nos dá, mas parece que o uso da frase tem sido um “tiro pela culatra”, matando o esforço e o sacrifício na ora de ofertar.

5. Não use a frase estereotipada “não importa a quantia”. Parece que Deus se importa com a quantia sim. A história da viúva pobre, geralmente evocada para sustentar que Deus não se importou com grandes quantias, valoriza a oferta da viúva, não por ser pequena, mas por ser tudo! A viúva pobre deu muito, em relação ao total de suas propriedades. Deste tipo de sacrifício, Deus se agrada.

6. Não proponha negócios na oferta. A bênção de Deus é sempre gratuita e não se compra ou barganha. Que Deus abençoe seus servos fiéis é uma verdade, mas a forma da bênção é da soberana decisão dele.

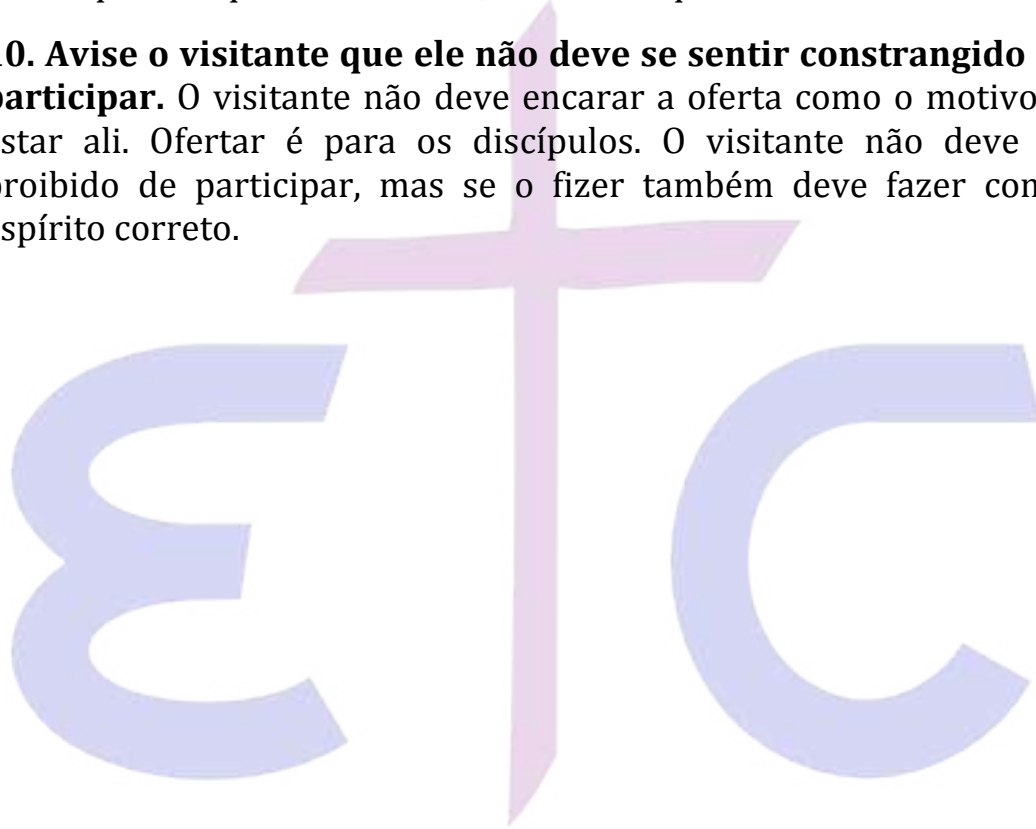
7. Enfatize os aspectos bíblicos da oferta: é voluntária, conforme a prosperidade, conforme a oportunidade e planejada; é sacrificial; é mandamento; é ato realizado com alegria; é dever de administrar o

que Deus nos deu; é ato de gratidão feito com amor e dedicação; através dela, participamos das obras que ela financia, como se nós mesmos estivéssemos fazendo aquelas obras.

8. Fale de generosidade e de participação. As palavras de quem dirige a oferta devem incentivar a participação correta no ato de ofertar.

9. Enfatize a necessidade de dar de coração. A oferta não é ato mecânico, mas espiritual, e por isto, deve ser feito com a atitude espiritual de agradecer Deus. O mero ato exterior não conduz a Deus. Não importa o que o homem vê, mas sim o que Deus sabe.

10. Avise o visitante que ele não deve se sentir constrangido em participar. O visitante não deve encarar a oferta como o motivo de estar ali. Ofertar é para os discípulos. O visitante não deve ser proibido de participar, mas se o fizer também deve fazer com o espírito correto.



Textos para ceia e oferta

O uso destas sugestões deve ser cuidadoso, pois a simples citação despreparada dos textos aqui citados não é suficiente para a boa condução dos trabalhos. É necessário que o usuário desta lista prepare-se com antecedência de modo a fazer uma boa condução da celebração sob sua responsabilidade.

CEIA

Textos sobre a instituição da ceia

Mateus 26.26-30

Marcos 14.22-26

Lucas 22.14-20

1Coríntios 11.23-29

Textos sobre assuntos afins

Mateus 27.33-54

Marcos 15.22-39

Lucas 23.32-47

João 19.17-30

Romanos 5.1-11

1Coríntios 1.18-25

2Coríntios 5.18-21

Gálatas 3.6-14

Efésios 2.11-22

Filipenses 2.45-11

Colossenses 1.13-23

1Timóteo 2.5-6

Tito 2.11-14

Tito 3.1-7

Hebreus 9.11-22

1Pedro 1.13-21

1João 2.1-2

Apocalipse 1.5-6

OFERTA

Textos sobre a instituição

1Coríntios 16.1-3

2Coríntios 8-9

Textos sobre assuntos afins

Mateus 6.19-34

Mateus 26.6-13

Marcos 14.3-9

João 12.1-8

Marcos 12.41-44

Lucas 21.1-4

Lucas 8.1-3

Mateus 10.40-42

Atos 2.42-47

Atos 4.32-37

Atos 9.36-43

Romanos 15.25-27

Gálatas 6.6-10

1Tessalonicenses 4.9-12

1Timóteo 6.6-10, 17-19

Tito 3.8, 14

Tiago 2.14-26

Como participar da ceia?

Introdução: Como cristão temos o mandamento de participar da ceia do Senhor. É importante saber como participar, pois há uma advertência aos cristãos para que participe dela corretamente.

Discussão:

1. Instruções para participar da ceia do Senhor (1Co 11.23-32).

Contexto (v.17-22) - A comemoração da Ceia do Senhor em Corinto estava se tornando um motivo de muitos pecados. O fato de tomarem a ceia no meio ou no fim de uma refeição comum deu origem a exageros e divisões. Paulo dá instruções para vencer estes erros.

v.23 - O que Paulo ia ensinar não era dele, mas do Senhor Jesus.

v.23-27 - Explica que a ceia do Senhor é:

a - "*Partir o pão*" - este modo de designar a ceia é um dos mais comuns no Novo Testamento. Tornou-se um termo quase técnico para designar este ato cristão de culto. Veja At 2.42; 20.7; 1Co 10.16.

b - "*Dar graças*" - Esta expressão é a tradução do verbo grego EUCHARISTEIN (lê-se "eucaristein"), de onde vem a expressão aportuguesada "eucaristia". Este verbo significa: dar graças ou agradecer; pode ser entendido como pedir a bênção de Deus. A ceia é o momento de agradecer a Deus, pedindo sua bênção não só para o que estamos celebrando, mas também para a vida cristã. Agradecemos a salvação que Deus nos dá.

c - "*Memorial*" - A ceia é feita "em memória" de Jesus Cristo. Este é um dos motivos mais importante da ceia. Lembrar de Jesus. Cristianismo é lembrar do que Jesus foi, do que Ele fez e viver de acordo com isso.

d - "*Aliança*" - A nova aliança de Jesus com os homens foi instituída pelo sangue de Jesus (Mt 26.28). Assim sendo, no momento da ceia estamos sendo lembrados da aliança que fizemos com Jesus, por meio do seu sangue, que nos lavou de nossos pecados, no batismo.

e - "*Pregação*" - Quando participamos da ceia, "anunciamos a morte do Senhor". Estamos pregando ao mundo e à Igreja que Jesus foi morto e que sua morte tem especial significação religiosa.

f - “A volta de Cristo” - Na ceia somos lembrados de que Jesus está vivo e que Ele vai voltar. Por isso nossa comemoração não é triste mas alegre.. Nosso Senhor vive e voltará. Maranata! Ao participarmos da ceia, estamos nos antecipando na comemoração do banquete Messiânico final, onde todos os salvos estarão com Ele para sempre (Ap 19.9).

V. 27 - Comer indignamente é comer sem pensar em Cristo e no que ele fez por nós. Veja no contexto um modo pelo qual os Coríntios estavam comendo a Ceia indignamente (11.17-22). Comer indignamente não significa que não podemos comer caso tenhamos pecado. Se assim fosse , ninguém poderia participar da Ceia.

V. 28-29 - Temos um duplo mandamento: 1º - Avaliar a nossa situação no momento em que vamos participar da Ceia; 2º - Participar. A ordem não é de avaliar sua vida para ver se deve ou não participar, mas sim, avaliar e participar.

V. 30-32 - Fala dos problemas espirituais e fraquezas que vem para quem não participa corretamente da Ceia do Senhor.

2. Detalhes adicionais sobre a Ceia do Senhor.

a - É a comunhão com Deus e com os irmãos (1Co 10.16). O momento da Ceia une os discípulos de Cristo uns com os outros e também com Deus. Deste texto vem o costume de chamar a Ceia de comunhão. Por isso ela é tomada em conjunto com toda a igreja, pois evidencia a unidade que temos em Cristo.

b. - O domingo foi chamado de o “dia do Senhor”(Ap 1.10) por ser o dia em que os cristãos participavam da Ceia. (At 20.7).

3. O que a Ceia do Senhor não é, nem significa:

No decorrer da história e dos séculos, alguns costumes e interpretações erradas sobre a Ceia entraram no pensamento religioso moderno. Observemos alguns erros.

a. - O pão e o vinho não se transforma em nada. Jesus usou linguagem simbólica ao apontar para o pão e dizer, “Isso é o meu corpo..”, afinal, ele ainda estava com seu corpo intacto, perante eles.

b. - A Ceia não é um sacrifício. Cristo já morreu “uma vez por todas” (Hb 9.27-28).

c. - A Ceia não é o único momento de receber perdão de pecados, nem é um meio de receber graça (sacramento). Não é um ritual mecânico.

d. - A Ceia não é opcional, mas é mandamento. É o motivo de nossa reunião dominical (At 20.7).



Álvaro César Pestana Professor de Teologia da ETC e do EBNESR

O nome Álvaro César Pestana é sinônimo de formação teológica de alto nível em todo o Brasil.

Formado desde 1978 em Estudos Bíblicos no antigo Instituto de Estudos Bíblicos, bacharelou-se em Química pela UNICAMP em 1982. Obteve o Bacharelado em Teologia (curso livre) pelo SBN em 1993, o grau de Mestre em Letras Clássicas (Grego) pela USP em 1998 e o título de Especialista em Educação à Distância pela UNIGRAN em 2011.

É autor de 21 livros e mais de uma centena de artigos para revistas, roteiros de estudo acadêmico e outras peças de estudo bíblico.

alvarocpestana@gmail.com

Como participar da oferta dominical?

Introdução: “Mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20.35) é um destes versos difíceis da Bíblia. Não é difícil entender, mas, para muitos, é difícil acreditar. O mundo moderno ensina que a felicidade vem pelo possuir e pelo receber. Cristo ensina que o mais feliz é o que aprende a dar. Como cristão, decidimos acreditar em Jesus e por causa disto, vamos experimentar a alegria de dar.

Discussão: Observemos alguns textos bíblicos que ensinam sobre a oferta.

1Coríntios 16.1-3

1. Era uma ordem para todas as igrejas. (v.1)
2. Realizada a cada domingo, no original. (v.2)
3. Cada um devia participar. (v.2)
4. A quantidade ficava a critério da prosperidade de cada um. (v.2)

2Coríntios 8.1-9.15

5. Contribuir é o resultado de entender a graça de Deus em nossas vidas. (8.1)
6. É possível contribuir quando passamos por problemas. (8.2)
7. Deve ser voluntária e sacrificial. (8.3-4)
8. Acima de tudo, a oferta principal que já fizemos era a de entregar toda nossa vida a Jesus. As ofertas dominicais são a continuação desta entrega. (8.5)
9. Ofertar é imitar Jesus. (8.8-9)
10. Deve haver boa vontade, pois é isto que importa para Deus. (8.13)
11. A oferta é uma forma de semear para com Deus. (9.6)
12. A oferta deve ser conforme cada um decidiu, e nunca forçada e menos ainda com tristeza por “perder” dinheiro. (9.7)
13. Ofertar com alegria agrada a Deus. (9.7)
14. Devemos confiar em Deus para suprir nossas necessidades. (9.8-11).

Alguns pensamentos errados sobre o oferta

“O dízimo (10%) é obrigatório”

Este é um erro muito comum. Provém de misturar leis do Velho Testamento com o novo Testamento. O cristão contribui segundo decisões que podem levá-lo até a dar mais que exigia o Velho Testamento. (Veja a opinião deste irmão mais adiante nesta obra).

“Ofertar é dar esmolas”

O cristão tem o mandamento de dar esmolas (Mt. 6.2-4), mas o mandamento de ofertar dominicalmente é outro.

“Vou dar porque está sobrando”

Jesus elogiou uma viúva por dar o que não estava sobrando e criticou os que davam o que sobrava (Mc. 12.41-44).

“Ofertar para pagar as despesas da igreja”

O Novo Testamento nunca fala de oferta como se fosse uma necessidade financeira da igreja. A oferta é sempre algo feito para agradar a Deus. É a Deus que estamos dando.

“Ofertar é um modo de ficar rico e abençoado”

Até certo ponto isto é verdade, mas nem sempre as bênçãos que Deus dá serão materiais. Não é possível ofertar por motivos interesseiros e agradar a Deus.

Cinco razões para ofertarmos a Deus

O Novo Testamento ensina claramente que os cristãos irão ofertar seu dinheiro a Cristo. O problema é que as religiões humanas tem se utilizado deste ensino para oprimir e explorar o povo pela espoliação de seus bens. O resultado tem sido que muitas pessoas, temendo ser roubadas pelos homens, acabam por não obedecer a Deus, nunca ofertando a ele. A solução para este problema é simples: é só obedecer o que a Bíblia diz sobre o recolhimento e o uso das ofertas dadas a Deus. Neste estudo quero enumerar pelo menos cinco razões para ofertarmos a Deus, mencionadas no Novo Testamento.

1. Ofertamos para agradar a Deus. Um texto bíblico muito citado diz: “Deus ama a quem dá com alegria” (2Co 9.7). Isto não quer dizer que Deus não ame todos os homens, mas que a oferta agrada a ele, pela gratidão e pela glorificação envolvidos no ato de dar (2Co 9.12-13). Ofertar é um ato de obediência que agrada a Deus. Deus se agrada de nos ver felizes em fazer algo em gratidão a ele e no serviço dele.

2. Ofertamos a Deus para auxiliar os necessitados. Um uso legítimo da oferta é o auxílio aos irmãos e outras pessoas que precisam de nossa ajuda material. A “assistência dos santos” (2Co 9.1) era a ajuda das igrejas gentílicas para os irmãos pobres que moravam na Judéia, e especificamente em Jerusalém (Rm 15.26). De fato devemos também fazer isto individualmente (Ef 4.28), mas a oferta é um meio de realizar este alvo congregacionalmente.

3. Ofertamos a Deus para sustentar obreiros. Jesus foi mantido em seu ministério por pessoas que seguiam seus ensinamentos (Lc 8.1-3) e seus discípulos que saíram pregando, receberam seu sustento da parte daqueles a quem ministravam (Mt 10.9-13; Lc 9.3-4; 10.4-7). A igreja deve manter os ministros que a servem (Gl 6.6-10; 1Tm 5.17-18). Embora o sustento fosse um direito do obreiro (1Co 9.14) Paulo ocasionalmente abriu mão dele (1Co 9.15-18) e em outras ocasiões recebeu sustento (2Co 11.7-10).

4. Ofertamos para promover a obra missionária. Os Filipenses ajudaram Paulo várias vezes em seu trabalho (Fp 4.10-20). A igreja antiga sabia que precisava apoiar os missionários em suas viagens de pregação, pois estavam trabalhando por causa de Jesus (3Jo 5-8).

5. Ofertamos para acumular um tesouro nos céus. Sabemos que o que temos neste mundo é efêmero. Foi o próprio Jesus que recomendou

que gastássemos o que não podemos guardar de forma a ganhar o que não podemos perder (Lc 12.33-34).

A igreja de Cristo tem ofertado a Deus em cumprimento a estes propósitos. O objetivo fundamental de nosso trabalho é agradar a Deus pela pregação do evangelho. A ajuda aos necessitados, os cuidados com nosso local de reunião, o sustento de obreiros, o auxílio ao trabalho de pregação do evangelho, o apoio a todo tipo de obra que realize a vontade de Deus tem sido realizado pela igreja, com o dinheiro da oferta a Deus, sempre visando a evangelização.

=====

Venha estudar na ETC...



CURRÍCULO DO CURSO LIVRE DE TEOLOGIA Modalidade Bacharelato em Curso Livre - 10 módulos

#	Tema da disciplina	Aulas
1	<p>O que é a Bíblia?</p> <p>BB01</p> <p>Uma introdução geral à Bíblia com ênfase na forma, função e história do texto.</p>	<p>1- Geral 2- Pentateuco 3- Históricos 4- Poéticos 5- Proféticos 6- Evangelhos+Atos 7- Cartas 8- Cartas + Apocalipse</p>
2	<p>Como entender a Bíblia?</p> <p>HB02</p> <p>Um estudo da formação, transmissão, preservação e interpretação da Bíblia.</p>	<p>1- História da formação da Bíblia (VT) 2- História da formação da Bíblia (NT) 3- História da transmissão da Bíblia 4- História da preservação da Bíblia 5- História da interpretação da Bíblia 6- Como estudar a Bíblia I 7- Como estudar a Bíblia II 8- Princípios de interpretação bíblica</p>
3	<p>Qual é a nossa história?</p> <p>LB03</p> <p>Uma leitura da história bíblica do Antigo e do Novo Testamento visando a apreensão da teologia.</p>	<p>1- Leitura Teológico-Narrativa de Gn 2- Leitura Teológico-Narrativa de Gn 3- Leitura Histórico-Salvífica de Ex 4- Leitura Histórico-Salvífica de Ex 5- Leitura Kerigmática de Mc 6- Leitura Kerigmática de Mc 7- Leitura Histórico-Salvífica de At 8- Leitura Histórico-Salvífica de At</p>

4	<p>Qual é o nosso pensamento?</p> <p>HH04</p> <p>Uma história da igreja e das doutrinas da cristandade.</p>	<p>1- História da igreja 2- História da igreja 3- História da igreja 4- História da igreja 5- História das doutrinas 6- História das doutrinas 7- História das doutrinas 8- História das doutrinas</p>
5	<p>Qual é o ambiente?</p> <p>MB05</p> <p>Um estudo da história, geografia, arqueologia e sociologia do mundo bíblico.</p>	<p>1- História e Geografia Bíblicas 2- História e Geografia Bíblicas 3- História e Geografia Bíblicas 4- História e Geografia Bíblicas 5- Arqueologia Bíblica 6- Arqueologia Bíblica 7- Sociologia do Mundo Bíblico 8- Sociologia do Mundo Bíblico</p>
6	<p>O que a congregação precisa saber?</p> <p>NT06</p> <p>Um estudo da epistolografia do mundo antigo e do Novo Testamento.</p>	<p>1- Epistolografia do mundo antigo 2- Romanos 3- Romanos 4- 1Coríntios 5- 1Coríntios 6- Gálatas 7- Efésios e Colossenses 8- Tiago</p>
7	<p>O que queremos comunicar?</p> <p>TP07</p> <p>Evangelização, plantio de igrejas e formação de comunidades cristãs no desempenho do serviço cristão.</p>	<p>1- Evangelismo 2- Evangelismo 3- Didática 4- Didática 5- Missões 6- Missões 7- Homilética 8- Homilética</p>
8	<p>Como exercer cuidado e serviço?</p> <p>TP08</p> <p>Como acompanhar novos convertidos; aconselhamento cristão; a igreja como comunidade terapêutica e o ministério cristão como serviço; os dons no corpo e a família.</p>	<p>1- Acompanhamento 2- Aconselhamento 3- Aconselhamento 4- Comunidade terapêutica 5- Comunidade terapêutica 6- Ministério como serviço 7- Ministério como uso de dons 8- A família cristã</p>
9	<p>Como dialogar com o mundo?</p> <p>FT09</p> <p>Análise do mundo moderno. Evidências da fé cristã. Teologia sistêmica e sistemas doutrinários históricos.</p>	<p>1- Evidências da fé cristã 2- Evidências da fé cristã 3- Evidências da fé cristã 4- Teologia Sistêmica 5- Teologia Sistêmica 6- Teologia Sistêmica 7- Sistemas doutrinários 8- Sistemas doutrinários</p>
10	<p>Como ler a Bíblia no original?</p> <p>GH10</p> <p>Grego e hebraico bíblicos.</p>	<p>1- Grego 2- Grego 3- Grego 4- Grego 5- Grego 6- Grego 7- Hebraico 8- Hebraico</p>

Questões importantes sobre a oferta¹

Quais os nomes bíblicos aplicados à oferta a Deus?

O nome “**oferta**” indica o fato de ser uma doação (Lc 21.1,4).

O termo “**coleta**” ocorre apenas três vezes nas versões portuguesas de Almeida. Num caso significa “comunhão”, “participação” ou até mesmo “fraternidade” (Rm 15.26) e nos outros dois casos há a ideia de “reunir, angariar, ajuntar” (Rm 15.26; 1Co 16.1,2).

A oferta é chamada de “**serviço**”, “**assistência**” e “**ministração**” (2Coríntios 8.4; 9.1,12,13), participando da ideia de serviço prestado a outros por meio do dinheiro e do ministério cristão.

Quais as funções e os propósitos da oferta a Deus?

Os alvos da oferta a Deus é um só: Agradecer, agradecer e glorificar a Deus (2Co 9.7, 12-13). É por esta razão que a oferta é feita no domingo, no mesmo dia que lembramos de Jesus (1Co 16.1-3). O uso ou a função da oferta inclui: 1. Suprir as carências materiais dos irmãos em Cristo, as necessidades dos santos (1Co 16.1-3; 2Co 9.1). 2. Pagar a dívida de amor para as igrejas que nos ajudaram a conhecer o evangelho (Rm 15.27); 3. O sustento de obreiros e da obra do Senhor (Gl 6.6-10); 4. O auxílio dos necessitados não cristãos (Gl 6.10).

Quando realizar a oferta a Deus?

O domingo é o único dia indicado (1 Co 16.1-2). Os primeiros cristãos se reuniam no primeiro dia da semana, que é o domingo (1 Co 16.1-2; 11.20-29; At 20.7; Ap 1.10).

Quais são alguns princípios primordiais quanto à oferta?

1Crônicas 29.10-18 - Deus é o dono de tudo que temos.

Provérbios 3.9-10 - Devemos honrar ao Senhor com as primícias da nossa renda.

Quais são alguns princípios específicos quanto à oferta?

Mateus 6.1-4 - As esmolas devem ser dadas anonimamente.

Marcos 12.41-44 - Devemos dar sacrificialmente.

¹ Aproveitei neste estudo, várias ideias do saudoso irmão Eugênio Goudeau registrados em sua apostila de cuidado de novos convertidos.

Atos 20.35 - "Mais bem-aventurado é dar que receber."

Romanos 12.8 - Damos graças pelos que têm o dom de contribuir.

1Coríntios 16.1-2 - A oferta deve ser feita conforme a prosperidade. A coleta para os santos era feita nos domingos. Não deve aparecer de mãos vazias. - Deuteronômio 16.16-17

2Coríntios 8.1-15 - A oferta das igreja da Macedônia (Filipos, Tessalônica e Beréia) para os pobres da Judéia. As ofertas devem ser feitas com alegria. - (8.2; 9.7). Os pobres também devem dar generosamente. - (8.2-3). As ofertas devem ser voluntárias. - (8.3-4). Nós nos dedicamos ao Senhor primeiro, para então ofertarmos os nossos bens. (8.5). É apropriado o encorajamento para ofertar. - (8.6-8, 10-11; 9.5). Devemos imitar o sacrifício de Jesus. - (8.9) A oferta deve ser feita de boa vontade e será aceita conforme o que o homem tem, e não segundo o que ele não tem. - (8.12). Devemos ajudar um ao outro para que alguns não tenham demais enquanto outros têm falta. - (8.13-15)

Eféios 4.28 - Trabalhamos para que tenhamos com que acudir ao necessitado.

Lucas 12.13-21 - O rico não deve amontoar riquezas enquanto outros precisam de ajuda. - (Lc 12.22-34; 1Tm 6.17-19)

2Coríntios 8.19-21 - Devemos administrar honestamente as dádivas dos irmãos, perante o Senhor e também diante dos homens.

2Coríntios 9.6-15 - A oferta dos Coríntios para os da Judéia. Colhemos de acordo com a maneira que semeamos. - (9.6) - Lucas 6.38. A contribuição deve ser planejada de antemão. - (9.7). A contribuição deve ser dada com alegria, não com tristeza ou com o sentido de obrigação. - (9.7). Deus garante ampla suficiência para o generoso. - (9.8-11) - Provérbios 11.24-25 - (Is 58.6-11). Devemos glorificar a Deus pelas ofertas que damos. - (9.12-15). Devemos dar liberalmente. - (9.13)

O Cristão é obrigado a dar o dízimo (10%) hoje em dia? - Malaquias 3.8-10

O dízimo era uma lei do Antigo Testamento, dada com o propósito de sustentar os Levitas e os serviços do tabernáculo e do templo (Nm 18.21, 24). A mesma lei **não** é repetida no Novo Testamento. **Hoje o cristão é livre para dar mais do que o dízimo, se puder!**

O princípio de condenação para o mesquinho e de recompensa divina para o generoso continua. Deus ainda abrirá as janelas do céu para derramar bênçãos sem medida sob aquele que dá liberalmente. - (Lc 6.38; 2Co 9.6)

Quais são alguns bons exemplos de pessoas que deram liberalmente?

A oferta dos judeus, para o tabernáculo. O povo trouxe tanto que Moisés o proibiu de trazer mais. - (Ex 35.20-29; 36.5-6)

A oferta de Davi e dos príncipes, para o templo - (1Cr 29.1-9)

A oferta para a renovação do templo - (2Cr 24.10-11)

As mulheres que ajudaram Jesus e os discípulos - (Lc 8.1-3)

A oferta da igreja de Jerusalém - (At 4.32-35)

A oferta de Barnabé - (At 4.36-37)

A oferta dos discípulos de Antioquia, para os irmãos na Judéia - (At 11.29)

A oferta dos filipenses, para Paulo - (Fp 4.15-20)

Quais são alguns maus exemplos?

A oferta de Caim - (Gn 4.3-5)

Os judeus na época de Malaquias - (Ml 3.8-9) - "*roubará o homem a Deus?*"

Ananias e Safira - (At 5.1-11)

O jovem rico - (Mt 19.16-22)

A Aplicação Prática e o Desafio

Tudo que temos já pertence ao Senhor. Somos simplesmente administradores daquilo que Deus tem nos confiado provisoriamente. Vamos ser bons administradores, não acumulando tesouros aqui na terra, mas dando generosamente aos necessitados e usando os nossos bens para incentivar o crescimento do reino. Assim, Deus suprirá todas as nossas necessidades aqui na terra, e nos dará tesouro inextinguível nos céus.

Não esqueça a importância da leitura bíblica e da oração na sua vida cotidiana, e decore 2Coríntios 9.6-7. "E isto afirmo: Aquele que

semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria” (2Co 9.6-7).

DISCIPLINAS DA ETC

Nome da disciplina conforme a proposta da ETC	Ementa da ETC	Nomes das disciplinas envolvidas conforme os nomes destas nos cursos tradicionais de teologia
BB01 – O que é a Bíblia?	Uma introdução geral à Bíblia com ênfase na forma, função e história do texto.	Introdução ao Velho Testamento Introdução ao Novo Testamento A Literatura Bíblica A Bíblia como Literatura
HB02 – Como entender a Bíblia?	Um estudo da transmissão, preservação e interpretação da Bíblia	Bibliologia (história da Bíblia) Exegese; Hermenêutica
Nome da disciplina conforme a proposta da ETC	Ementa da ETC	Nomes das disciplinas envolvidas conforme os nomes destas nos cursos tradicionais de teologia
LB03 – Qual é a nossa história?	Uma leitura da história bíblica do Antigo e do Novo Testamento visando a apreensão da teologia	Teologia Narrativa O Pentateuco O Livro de Gênesis O Livro de Êxodo O Livro de Marcos O Livro de Atos
HH04 – Qual é o nosso pensamento	Uma história da igreja e das doutrinas da cristandade	História da Igreja História das Doutrinas Doutrinas da Cristandade
MB05 – Qual é o ambiente?	Um estudo da história, geografia, arqueologia e sociologia do mundo bíblico	História de Israel História dos tempos no NT Geografia Bíblica Ciências Sociais Arqueologia
NT06 – O que a congregação precisa saber?	Um estudo da epistolografia do mundo antigo e do Novo Testamento	Epistolografia do NT Romanos; 1 e 2 Coríntios Gálatas; Efésios e Colossenses Tiago
TP07 – O que queremos comunicar?	Evangelização, missão, formação de comunidades cristãs no desempenho do serviço cristão	Evangelismo e didática Missões e homilética
TP08 – Como exercer cuidado e serviço?	Como acompanhar novos convertidos, aconselhamento cristão, igreja como comunidade terapêutica e o ministério cristão como serviço; o uso de dons e a família cristã.	Aconselhamento cristão Eclesiologia Ministério cristão A família cristã
FT09 – Como dialogar com o mundo?	Análise do mundo moderno. Evidências da fé cristã. Teologia sistêmica e sistemas doutrinários históricos. Diálogo inter-religioso.	Doutrinas religiosas Religiões não cristãs Evidências cristãs Teologia sistemática Ciências da religião
GH10 – Como ler a Bíblia no original?	Grego e hebraico bíblicos	Introdução ao Grego Introdução ao Hebraico 1João; Rute

Os sete “P”s da oferta a Deus

A oferta a Deus é resumida em 7 “P”s em 1 Coríntios 16.1-3: A oferta a Deus é **P**adrão, é **P**eriódica, é **P**essoal, é **P**lanejada, é **P**roporcional, é **P**ropositada, é **P**rotegida.

I. Oferta é padrão – A coleta é um mandamento PADRÃO para toda a igreja em toda parte: *“fazei também vós [os coríntios] como ordenei às igrejas da Galácia”*. Veja que as igrejas de toda parte tinham o mesmo mandamento. Onde há cristãos, há oferta a Deus e coletas são realizadas.

II. Oferta é periódica – A frase *“no primeiro dia da semana”* poderia também ser traduzida *“cada primeiro dia da semana”* ou ainda *“todo primeiro dia da semana”*. Isto quer dizer que não somente devemos ofertar em algum domingo, mas em todo domingo, PERIODICAMENTE. Há aqueles que recebem o dinheiro uma vez por mês e já ofertam a Deus aquilo que prepararam. É uma boa prática para não consumir o dinheiro da oferta durante o mês. Contudo, seria interessante, não aparecer de mãos vazias em domingo algum, afinal, podemos ofertar menos de forma a dar exemplo e não deixar de participar “todo domingo” da oferta a Deus. Não é constrangedor para um cristão deixar a sacola da oferta passar sem ofertar nada?

III. Oferta é pessoal – O texto bíblico exige: *“cada um de vós”*. Isto quer dizer que todos devem ofertar. Todos têm algo a contribuir. Não devemos deixar de adorar a Deus na oferta sob pretexto que não temos nada. Oferta é assunto PESSOAL entre nós e Deus: não podemos deixar de participar.

IV. Oferta é planejada – A oferta não é feita de improviso, olhando nos bolsos ou na carteira apenas na hora de ofertar. Ela é planejada, pois o texto diz *“cada um de vós ponha de parte”*, ou seja, cada um separa antecipadamente o que vai ofertar. Quem não planeja ofertar bem, está planejando ofertar mal! PLANEJE.

V. Oferta é proporcional – A oferta deve ser PROPORCIONAL aos nossos ganhos: *“conforme a sua prosperidade”*. A oferta não deve ser um valor que não é comparado como que ganhamos. No Velho Testamento, eles davam uma proporção de 10% em relação ao que tinham ganhado. No Novo Testamento temos que dar também de modo PROPORCIONAL ao nosso ganho. Daremos mais ou menos que 10%? O que será que é bom, justo e agradará a Deus?

VI. Oferta é propositada – A oferta que Paulo estava recolhendo tinha propósitos específicos: além de serem “*dádivas*” a Deus (verso 3), elas também seriam usadas, concretamente, para ajudar as igrejas da Judéia, “*os santos*” (verso 1). As ofertas a Deus que recolhemos sempre têm ótimos propósitos espirituais. Oferte para atingir estes PROPÓSITOS positivos da igreja de Deus.

VII. Oferta é protegida – Paulo iria proteger a oferta através de cartas e emissários das igrejas, “*aqueles que aprovardes*”, que iriam verificar que o dinheiro chegaria nas mãos da igreja da Judéia. Assim também, em nosso meio, há todo um sistema para que a oferta seja PROTEGIDA de desvios e chegue a ser usada somente para os fins espirituais que foram propostos por Jesus.



Uma opinião a ser registrada

Porque dar mais do que 10% ao ofertar a Deus?

Não somos obrigados a dar o dízimo, pois isto era a lei de Moisés e hoje seguimos o evangelho de Jesus. Contudo, fica a questão: “Podemos dar menos que 10%?”

Os pontos abaixo apresentam uma sugestão sobre o assunto. Evitarei citar passagens bíblicas para mostrar que este texto é um convite à reflexão e não um mandamento ou estudo bíblico obrigatório. Os pontos que se seguem são minha opinião humana.

1. Podemos dar mais que o dízimo (10%) porque nossa aliança é superior. Os cristãos têm o direito de chamar Deus de Pai, têm a promessa da vida eterna, têm o Espírito Santo que foi dado apenas a poucos profetas do Velho Testamento, enfim, temos recebido mais perdão, mais promessas, mais revelações e mais amor devem dar menos ofertas? Parece impossível responder que sim! Temos que dar mais que 10%.

2. Podemos dar mais que o dízimo (10%) porque os judeus davam mais que o dízimo. Eles davam entre 17 a 33% de sua renda para Deus, contando com os sacrifícios, rituais, viagens e doações. Será que os cristãos devem dar menos ofertas? A nação de Israel viveu em uma terra muito pior do que a do Brasil. Se eles, assim mesmo, davam mais que 10%, como iremos dar menos?! Daremos mais!

3. Podemos dar mais que o dízimo (10%) porque nossa gratidão e consagração o exigem. Damos 10% de gorjeta em um restaurante. Pagamos mais que isto em impostos em cada produto que compramos ou consumimos. Os descontos em nossos salários, muitas vezes, excedem este valor. Gastamos 10% de nosso salário com grande facilidade, independente do tamanho do salário. Será que não daremos a Deus uma fração significativa de nosso salário? Qual é fração justa para Deus: 1% ou 5%? Quem ousaria dizer que Deus merece apenas 8%? O Novo Testamento não exige 10% de nosso salário, mas será que temos ousadia de dar menos que isto?

4. Podemos dar mais que o dízimo (10%) porque fazendo assim seremos bons administradores. Quando planejamos a oferta, não damos simplesmente o que sobrou. Administramos o orçamento doméstico e separamos o melhor das bênçãos recebidas por meio do salário. É um fato demonstrado por análises sociais e históricas que o

povo que oferta a Deus proporcionalmente à sua renda, aprende a administrar melhor seus recursos e torna-se mais próspero. De fato, não ofertamos para ser mais prósperos, mas para sermos bons administradores do que Deus nos têm dado. Temos que dar mais que o mínimo que é 10%.

5. Podemos dar mais que o dízimo (10%) porque queremos poupar 10% de nossa renda. Uma medida muito saudável para toda pessoa é poupar 10% de sua renda, todos os meses. Muitos acham isso impossível, mas é por esta causa que estão sempre devendo, fazendo crediários e rolando dívidas não pagas. Se uma pessoa poupar 10% todo mês, logo terá recursos para comprar coisas em dinheiro, com desconto. Assim, se vamos poupar 10% para nós será que seria lícito dar menos que isto a Deus? Seria correto guardar para si mais do que se pretende dar a Deus?

6. Podemos dar mais que o dízimo (10%) porque estes 10% viabilizam a obra de Deus. Com 10 irmãos contribuindo com 10% de sua renda, um obreiro pode ser sustentado com o salário médio daqueles irmãos! Porque muitas vezes igrejas grandes não tem obreiros em tempo integral? Porque a oferta é mesquinha e não sustenta o trabalho. Imagine como seria a igreja se cada 10 irmãos sustentassem um missionário ou um obreiro em tempo integral? Temos que dar mais que 10% para que a evangelização seja acelerada pelos obreiros em tempo integral.

7. Podemos dar mais que o dízimo (10%) porque é um bom valor para começar. Como já dissemos, daremos mais ou menos do que 10%. Quem gostaria de aparecer diante de Deus defendendo a ideia que devemos dar menos do que isto? O fato de a oferta ser secreta não deve nos induzir à hipocrisia. Se ninguém souber quanto damos Deus sabe. O que aconteceria se Deus aparecesse esta noite e falasse: "Fulano(a), decidi multiplicar sua oferta por 10 de dar isto a você como salário!" O que seria isto? Bênção ou maldição?

Se alguém pregar a obrigatoriedade do dízimo hoje em dia, estará pregando uma falsa doutrina. Estará atrapalhando a obra de Deus. Estará impedindo a dedicação amorosa e não legalista dos discípulos de Jesus. O dízimo não é lei e nem obrigatória para os cristãos de hoje. Quero, contudo, convidá-lo a pensar como Jesus dizia: "Se a vossa justiça não **exceder** em muito a dos escribas e fariseus ..."

Questões importantes sobre a ceia²

I. Quando a ceia do Senhor foi instituída? - Mateus 26.17-19, 26-30

Jesus, quando instituiu a ceia, estava participando da páscoa, uma festa de uma só noite, seguida por sete dias onde o povo comia somente pães asmos.

A páscoa era uma festa anual dos judeus, que lembrava a noite em que Deus passou pela terra do Egito e feriu todos os primogênitos dos que não colocaram sangue, em ambas as ombreiras e na verga da porta. Assim, Deus liberou os judeus da escravidão. (Ex 12.1-28)

No dia da páscoa e por mais sete dias, tecnicamente chamada a festa dos pães asmos, o povo comia somente pão sem fermento (Lv 23.5-6; Nm 28.16-17). O pão asmo também foi chamado de "o pão de aflição", porque os judeus saíram do Egito apressadamente (Dt 16.3).

II. Quais são os símbolos da ceia do Senhor? - Marcos 14.22-26 -

Jesus usou os mesmos elementos da páscoa, mas deu novos significados para eles:

O pão asmo simboliza o corpo de Jesus, que foi oferecido pelos pecados da humanidade. Quando partimos o pão, entramos em comunhão com o corpo de Cristo (1Co 10.16). Essa comunhão mostra a nossa união com Jesus e a unidade do corpo dele, a igreja. Também, desde que fermento na Bíblia muitas vezes simboliza pecado, a ausência de fermento simboliza pureza, sinceridade e verdade (1Co 5.7-8).

O fruto da videira (o sangue ou o suco de uva) simboliza o sangue da nova aliança derramado pela humanidade. Quando bebemos do cálice da bênção, entramos em comunhão com o sangue de Cristo (1Co 10.16).

O cálice não foi abençoado, mas sim, o seu conteúdo.

Lucas 22.14-20 - Lucas menciona dois cálices, um tomado antes do pão (Lc 22.17), e o outro tomado depois do pão (Lc 22.20). Na páscoa haviam quatro cálices tomados durante a festa. O cálice de Lucas 22.17 é provavelmente o terceiro cálice da páscoa. A simbologia do sangue pertence ao quarto cálice, tomado depois do pão.

² Este estudo reproduz, quase na íntegra, uma aula do irmão Eugênio Goudeau publicada em apostila.

A Bíblia não ensina a doutrina da transubstanciação, que uma substância transforma-se em outra. Na ceia, o pão não vira carne, nem o suco vira sangue. Se fosse assim, Jesus seria crucificado literalmente cada vez que tomamos a ceia. Porém, Jesus fez um único sacrifício pelos pecados e depois assentou-se à destra de Deus (Hb 10.11-14). Nas passagens sobre a ceia, Jesus usa uma metonímia, quando ele fala, sobre o pão que, "isto é o meu corpo", e sobre o cálice, "isto é o meu sangue" (Mt 13.20-23; Gl 4.24-25).

III. Por que a ceia do Senhor foi instituída?

Para recordar o passado - Jesus disse, "fazei isto em memória de mim" (Lc 22.19). Portanto, a ceia é um memorial. Anunciamos a morte do Senhor (1Co 11.25-26). Lembramos o sacrifício de Jesus na cruz. Lembramos o amor que Deus tem para conosco e que deu o seu único filho por nós (Jo 3.16).

Para esclarecer o presente - O sangue foi derramado "para remissão de pecados". Devemos tudo a Jesus. Na ceia, lembramos quem nós somos e re-dedicamos todas as nossas forças a serviço de Deus (Mt 26.28).

Para antecipar o futuro - Lembramos que um dia Jesus voltará e participaremos na ceia novamente com ele em pessoa (Mt 26.29; 1Co 11.26). Serão abençoados os que amam a sua vinda (2Tm 4.8).

IV. Como devemos participar na ceia do Senhor? - 1Coríntios 11.17-34

De maneira digna - (11.27) - Devemos participar de maneira digna e correta. Os Coríntios fizeram da ceia divina um escândalo, e Paulo os reprovou (11.20-22). Os que não dão o devido valor à ceia, desprezam o sacrifício e tornam-se réus do corpo e do sangue do Senhor.

Com autoanálise - (11.28) - A decisão de participar ou não é uma decisão pessoal porém, a ceia somente tem pleno significado para os cristãos. Os cristãos devem examinar a sua vida, julgar-se e arrepender-se, para não cair na condenação de Deus (11.31-32). A ceia providencia um momento de reflexão e de renovação do compromisso que temos para com o Senhor.

Discernindo o corpo - (11.29) - Discernir o corpo é apreciar o sacrifício feito. Quando comemos e bebemos sem pensar no sentido do memorial, não discernimos o corpo, e recebemos o julgamento de

Deus. Fraqueza, doença e morte espiritual [ou morte física?] são consequências para os que participam na ceia sem pensar na significação dela - (11.30).

Junto com os irmãos - (11.33) - A ceia tem um aspecto individual, mas a participação juntos, como uma comunidade, também reafirma a unidade do corpo. Não somos membros isolados uns dos outros. A ceia representa o momento em que a igreja se alimenta do corpo e do sangue de Jesus juntos, e nessa participação proclamamos que somos irmãos uns dos outros, filhos do mesmo Pai.

Observação: Por causa dos abusos na participação da ceia pelos cristãos de Corinto, a ceia foi completamente separada de qualquer outra refeição. O objetivo da ceia não é para alimentar o corpo físico mas, sim, o corpo espiritual - (11.34).

V. Quando devemos participar na ceia do Senhor?

Atos 2.42 - Os primeiros cristãos perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão (a confraternização), no partir do pão (a ceia) e nas orações.

Atos 20.7 - A igreja em Trôade reuniu-se no primeiro dia da semana (domingo) com o fim de participar na ceia.

O Manuscrito "Didaquê" - (90-100 d.C.) - disse "Havendo confessado anteriormente os seus pecados, para que o seu sacrifício seja puro, congreguem-se cada dia do Senhor, do Senhor mesmo, partilhem o pão e dêem graças".

Seguindo estes exemplos bíblicos e históricos, devemos participar na ceia todos os domingos.

VI. A Aplicação e o Desafio

A ceia do Senhor é uma comemoração preciosa para o cristão. Na ceia recordamos as raízes da nossa fé, tomamos coragem para enfrentar o presente e esperança para antecipar um futuro melhor. Na participação todos os domingos, cumprimos a vontade do Senhor e solidificamos a união do corpo de Jesus aqui na terra.

Não esqueça a importância da leitura bíblica e da oração na sua vida cotidiana, e decore 1Coríntios 11.26: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha."

Mais questões atuais sobre a ceia

QUESTÃO 1 - Quais os nomes bíblicos aplicados à ceia do Senhor?

O nome "**ceia do Senhor**" lembra o fato que o proprietário ou o dono deste momento é o Senhor Jesus. O que se faz ali, se faz nele, por ele e para ele (1Co 11.20). A ceia do Senhor é contrastada com a comida ordinária de cada um: "a sua própria ceia" (1Co 11.21). A expressão "**partir o pão**" (At 20.7) em muitos contextos significa "a ceia do Senhor", visto que os Evangelhos sempre falam que Jesus "partiu o pão" e o deu aos discípulos (Mt 26.26; Mc 14.22; Lc 22.19; 1Co 11.24). A expressão, por vezes refere-se à ceia do Senhor (At 2.42) e outras vezes fala das refeições comunitárias da igreja (At 2.46). A ceia é chamada pelos seus elementos: "**o cálice da bênção**" e "**o pão que partimos**" (1Co 10.16-17).

QUESTÃO 2 - Quais as funções e os propósitos da ceia do Senhor?

É um "**memorial**" ou seja, um ato feito para lembrar de Jesus: "em memória de mim" (1Co 11.24-25; Lc 22.19). (1) Lembramos de Jesus pensando no seu corpo e sangue dados na cruz, ou seja, em seu sacrifício (Mt 26.26-28; Mc 14.22-25; Lc 22.15-20; 1Co 11.23-26); (2) Lembramos de Jesus, pensando na Nova Aliança que ele estabeleceu (Lc 22.20; Mt 26.28; Mc 14.24); (3) Lembramos de Jesus pensando que ele vai voltar (1Co 11.26). Assim a ceia torna-se um momento de "**proclamação**" da obra de Jesus (1Co 11.26). A ceia do Senhor simboliza e produz "**comunhão**" vertical e horizontal: nela mostramos estar ligados a Deus e aos irmãos (1Co 10.16-17); unidade com Deus implica em unidade com os irmãos.

QUESTÃO 3 - Quando celebrar a ceia do Senhor?

O domingo é o único dia indicado. Os primeiros cristãos se reuniam no primeiro dia da semana, que é o domingo (At 20.7; 1Co 16.1-2; 11.20-29; Ap 1.10). Este foi o dia da ressurreição de Jesus (Mc 16.9) e por esta causa tornou-se um dia importante para lembrar do Senhor ressurreto.

Aqueles que celebram a ceia uma vez por mês ou uma vez por ano, fazem-no sem nenhum apoio bíblico. O argumento que a Páscoa judaica era comemorada uma vez por ano não pode ser utilizado, pois na Páscoa os judeus comiam carneiro, ervas amargas além do pão ázimo. A ceia do Senhor não é a Páscoa.

QUESTÃO 4 – A ceia do Senhor é o momento para pedir perdão de pecados?

Erram aqueles que pensam que a ceia é o momento de pedir perdão pelos pecados da semana. Na verdade, isto é uma doutrina católica romana, que associa à “hóstia” a confissão de pecados e a absolvição destes. Pelo Novo Testamento, o discípulo de Jesus foi ensinado a pedir perdão a todo o momento (Mt 6.12).

A ceia relembra que Jesus já obteve, no passado, nosso perdão de pecados (Mt 26.28). Obtemos o perdão de pecados no batismo (At 2.38). Se alguém quiser pedir perdão no momento da ceia, certamente poderá, mas dizer que a ceia foi feita para isto é errado – **a ceia é para lembrar de Jesus e não de nossos pecados** (1Co 11.24-25).

QUESTÃO 5 – A ceia do Senhor precisa ser encerrada com um hino?

Os relatos de dois evangelhos mostram Jesus cantando um hino após instituir a ceia do Senhor (Mc 14.26; Mt 26.30). Este hino provavelmente era composto pelos Salmos do chamado “Hallel” que os judeus cantavam durante e depois da Páscoa. Estes “hinos” nada têm a ver com a ceia do Senhor, mas com a conclusão da festa da Páscoa.

Além disto, o texto de 1Coríntios 11.23-26, que dá claras instruções sobre a celebração da ceia não diz nada sobre a necessidade ou obrigatoriedade de cantar hinos após a celebração.

De fato, o evangelho de Lucas mostra que os hinos não foram cantados tão imediatamente à instituição da ceia. Houve muito diálogo depois de Jesus instituir esta celebração (Lc 22.19-38). Ele deve ter cantado o hino (talvez o Salmo 118), logo antes de sair para o Getsêmani.

QUESTÃO 6 – Só pode participar da ceia do Senhor quem não estiver em pecado?

Se só puder participar da ceia os cristão que não tiverem pecado, então ninguém deverá participar da ceia. Mesmo buscando obedecer a Deus, falhamos e somos pecadores (1Jo 1.8, 10).

O texto de 1Coríntios 11.28 diz “Examine-se ... e então coma”. O texto não está dizendo: “Examine-se ... e **não** coma”! Examinar-se, neste contexto, não significa verificar se estamos sem pecado, mas examinar a si mesmo para ver se está participando do modo correto,

ou seja, lembrando de Jesus e levando em conta os irmãos!

Se participar da ceia é mandamento, **deixar de participar da ceia é pecado!** Se pecamos durante a semana, ou até mesmo no domingo, não há razão nenhuma para pecar de novo não lembrando de Jesus! Se estamos fracos na fé, desobedecer A Jesus, não participando da ceia não nos ajudará a ficar mais fortes. Se estamos ausentes a muitos domingos e finalmente voltamos a frequentar a igreja, não devemos deixar de fazer o que foi ordenado.

QUESTÃO 7 – Temos que tomar o pão e beber o cálice todos juntos?

Muitos irmãos interpretam erradamente 1Coríntios 11.33 e imaginam que Paulo esteja falando de esperar uns pelos outros para comer a ceia todos juntos. Assim, em certas reuniões todos pegam o pão mas só o levam a boca num mesmo momento. Da mesma forma, todos tomam o cálice e, quando todos os têm nas mãos, todos tomam juntos. Tal prática, apesar de bonita, não cumpre qualquer exigência bíblica.

1Coríntios 11.33 fala de esperarem uns pelos outros para comerem a refeição comunitária que os antigos cristãos repartiam nas reuniões. Estas refeições são mencionadas em Judas 12 como “festas de fraternidade” e são estas refeições mencionadas em 1Coríntios 11.17-22 que acabaram confundindo o propósito da ceia do Senhor.

QUESTÃO 8 – Temos que ter um único cálice ao participarmos da ceia?

No passado já houve até divisões entre irmãos por causa de tomar a ceia em vários cálices ou em um cálice único. De fato, quando Jesus e seus doze apóstolos participaram da ceia, parece que o cálice de Jesus foi passado a todos.

Isto, contudo, é circunstancial: havia apenas 13 pessoas em uma mesa relativamente pequena. Tente imaginar os 3000 irmãos de Jerusalém tomando a ceia em um só cálice!? A igreja antiga tomava a ceia em casa (At 2.42, 46), de modo que não podiam participar de um único cálice e nem podemos supor que em cada casa apenas um cálice seria usado.

Quando Paulo deu instruções aos Coríntios, a questão do “único cálice” não foi exigida. (1Co 11.17-34)

QUESTÃO 9 – Temos que ter um único pão ao participarmos da ceia?

1Coríntios 10.17 fala que somos um único pão por participarmos de um único pão. Contudo, a unidade mencionada não se realiza por utilizar-se de um único pedaço de pão na assembleia, mas pelo fato de todos participarem de Jesus, que é o foco de nossa comunhão – é isto que afirma o verso anterior (1Co 10.16)

A igreja de Jerusalém não poderia fazer um pão suficientemente grande para 3000 pessoas comerem (At 2.41).

QUESTÃO 10 – Os não cristãos (visitantes) podem participar da ceia do Senhor?

Como a ceia é o memorial do sacrifício de Cristo e de sua Nova Aliança conosco, não parece razoável que quem não participou dos benefícios deste sacrifício e desta aliança (1Co 11.23-32). Se irmãos podem ser culpados por participar “de modo indigno”, isto é, sem pensar corretamente em Jesus, imagine os não cristãos – será que eles estarão preparados? A carta aos Coríntios foi escrita para cristãos (1Co 1.2), portanto, participar da ceia é mandamento para os cristãos: os não cristãos não receberam este mandamento.

Ocasionalmente, visitantes participam da ceia do Senhor, por descuido, inadvertência ou mesmo por quererem participar. Não é necessário supor que a condenação e a advertência dada aos cristãos se aplique a eles, pois eles não sabem bem o que estão fazendo. Contudo, o mais saudável é sempre ajudar o não cristão a entender que o cerimonial é para os discípulos e incentivá-lo a vir tornar-se tal.

QUESTÃO 11 – É pecado participar da ceia mais de uma vez por domingo?

O propósito da reunião dominical é partir o pão (At 20.7) seria estranho que alguém pecasse ao cumprir o propósito da reunião.

A participação na ceia é mandamento de comunhão com Deus e com os irmãos (1Co 10.16-17). Se já participamos da ceia em comunhão com um grupo de irmãos, não há nada de errado em participar com outro grupo e mostrar comunhão com eles também. Na verdade, não participar seria excluir-se da comunhão.

QUESTÃO 12 – O pão e o cálice são transformados no corpo e no sangue de Jesus?

Não ocorre nenhuma transformação do pão e do cálice. Jesus usou linguagem figurada ao dizer “isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue”, afinal de contas, quando ele falou estas palavras, não tinha

ainda sido morto na cruz (Mt 26.26-29).

O vinho da ceia era tão comum que era possível ficar bêbado com ele, se fosse tomado em excesso (1Co 11.20).

QUESTÃO 13 – A morte de Jesus se repete no momento da ceia?

Claro que não. Jesus morreu uma só vez (Hb 9.27-28). O sacrifício de Cristo não se repete – foi realizado uma única vez e é eficaz para sempre.

Comparação entre a ceia e a oferta

NA CEIA ...	NA OFERTA ...
Lembramos que Deus nos deu bênçãos espirituais	Lembramos de ofertar a Deus as bênçãos materiais
Elementos materiais, pão e vinho, são usados com fins espirituais	Elementos materiais, dinheiro e posses, são usados com fins espirituais
Lembramos o sacrifício salvador de Cristo	Realizamos um sacrifício de agradecimento a Deus
Fica demonstrado o quanto Deus nos amou	Fica demonstrado o quanto nós amamos a Deus
Lembramos que a salvação vem pela graça	Lembramos de responder a Deus com ações de graça
Temos comunhão com Deus e com os irmãos	Temos comunhão na obra de Deus e com os irmãos
Lembramos da pessoa de Jesus	Lembramos dos necessitados
Proclamamos a obra de Jesus	Financiamos a pregação da obra de Jesus
Celebramos a salvação que já recebemos	Desejamos que outros recebam a mesma salvação
Antecipamos o banquete celestial com Cristo	Acumulamos o tesouro celestial com Deus

**ESTUDOS ESPECIAIS SOBRE
A CEIA E A OFERTA**



Corpo e sangue: a questão da literalidade das palavras de Jesus

A questão das frases de Jesus: "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue" precisa ser apreciada corretamente. Infelizmente, a história da teologia criou uma série de termos teológicos que não servem para descrever o ensino bíblico.

"Transsubstanciação", "Consubstanciação" e outros termos parecidos vem da história da interpretação dos textos e são termos que não podem ser definidos biblicamente, pois não ocorrem na Bíblia. "Batismo", por exemplo, pode ser definido biblicamente, pois com o uso de uma Concordância Bíblica e de um Léxico de Grego, podemos checar tanto os possíveis sentidos do grego, como também, principalmente, o sentido que os textos bíblicos dão a este termo. Ocasionalmente, o uso de um termo na Bíblia é mais específico ou especializado em relação ao uso comum ou popular.

Muito bem, disto isto, vamos aos termos bíblicos deixando os termos humanos fora da questão.

De fato, em termos históricos temos quatro posições básicas:

- Os católicos defendem a Transsubstanciação.
- Os luteranos defendem a Consubstanciação.
- Os calvinistas defendem que Cristo se faz presente, não nos elementos (pão e vinho), mas no momento da participação.
- Os menonitas e batistas defendem que o ato é apenas um memorial sem referência à presença de Jesus nos elementos.

Toda esta discussão é do século XVI. Para nós, é melhor tomar o ambiente de Jesus e dos apóstolos como ponto de partida.

Em primeiro lugar, vamos ao dia do estabelecimento da comemoração. Era Páscoa Judaica. Na sexta-feira de noite (no mesmo dia em que Jesus morreria, pois para o judeu o dia começa de tarde) Jesus e seus discípulos reuniam-se para a Páscoa.

O ritual corria mais ou menos assim: O chefe da família (no caso, Jesus) agradecia pelo pão e pelo vinho em qualquer refeição, e especialmente pela refeição da Páscoa. O ritual do VT é descrito em Ex 12; 23.14-15; 38.18; Lv 23.4-8; Nm 9.1-14; Dt 16.1-8. No tempo do

NT, além das ervas amargas, do cordeiro assado e do pão ázimo (sem fermento), eles usavam um vaso de água com sal, um molho vermelho [chamado *Charossheth*] (Jo 13.26 - o pão era "molhado" neste molho vermelho) e quatro copos de vinho [o vinho costumava ser "misturado": três partes de vinho mais duas partes de água]. Os quatro copos de vinho eram tomados lembrando as quatro promessas de Êxodo 6.6-7. Veja que Jesus só vai usar dois elementos para a chamada "Ceia do Senhor", mas todos estes outros estavam presentes [De fato, os estudiosos discutem se Jesus tinha conseguido um cordeiro ou não para celebrar sua Páscoa - as razões para isto são várias: alguns afirmam que o texto não fala do cordeiro pascal e Jesus é o verdadeiro Cordeiro Pascal. Outros afirmam que o texto não fala, mas uma refeição de páscoa sem o cordeiro seria desobediência a Deus e Jesus nunca desobedecia a Deus. Outros afirmam que os cordeiros eram vendidos pelo templo e que os sacerdotes não venderiam para os discípulos de Jesus (Argumento fraco já que qualquer um podia comprar para Jesus!) etc. A discussão vai longe, mas não é importante.]

Uma possível sequência é esta:

- 1) Primeiro copo de vinho - Kiddush = Santificação, separação. O chefe da família ora.
- 2) Primeira lavagem de mãos [não sabemos se Jesus faria isto, pois Mc 7 mostra que ele não concordava com certas tradições judaicas de pureza].
- 3) Uma verdura era mergulhada na água salgada e comida.
- 4) O pão era partido e depois de orar, distribuído apenas em pedaços pequenos [não era a comida principal, mas só para lembrar que era o "pão da aflição - Dt 16.3" = os judeus diziam "Este é o pão da aflição que nossos pais comeram quando eles saíram do Egito" = veja com atenção que esta seria a frase padrão para ser usada no ritual.
- 5) Neste momento, a história do Êxodo era relatada.
- 6) Cantava-se o Salmo 113 e 114 [parte do Hallel que é o conjunto dos Salmos 113-118].
- 7) Segundo copo de vinho era tomado - copo da *Haggadah*, ou seja, da explicação ou da proclamação [normalmente, falando da páscoa judaica e do Êxodo].

8) Uma outra lavagem de mãos se realiza - agora todos fazem isto e não apenas o chefe da família [de novo, não sabemos se Jesus faria ou recomentaria isto em vista de Mc 7].

9) Ação de graças - neste ponto, depois desta nova oração, pequenos pedaços de pão são distribuídos.

10) Pão ázimo mais ervas amargas são reunidas, mergulhadas no molho vermelho e comida.

11) Inicia-se a refeição propriamente dita. O cordeiro deve ser comido. Nada deve restar dele.

12) Nova lavagem de mãos [mesma dúvida anterior].

13) Os últimos pães sem fermento são comidos.

14) Novamente, é feita uma oração de agradecimento e o Terceiro copo de vinho é tomado - este é chamado o copo das Ações de Graça.

15) Canta-se os Salmos 115-118 [segunda parte do Hallel].

16) O Quarto copo de vinho é tomado e canta-se o Salmo 136 [chamado o Grande Hallel].

17) Duas breves orações [padronizadas?] são feitas terminando a comemoração.

Antes de continuar, várias observações precisam ser feitas:

a) Não sabemos com certeza se esta era a sequência judaica no tempo de Jesus - há indicação que sim, mas não certeza absoluta.

b) Não sabemos se Jesus seguiu esta sequência, afinal, ele tinha plena liberdade. Por outro lado, como foram os discípulos que foram enviados para fazer os preparativos para a Páscoa e a festa era tradicional, devemos supor que os elementos tradicionais estavam presentes.

c) Ocorreram coisas fora do comum naquela noite, como o fato de Jesus lavar os pés dos discípulos, o fato deles discutirem sobre quem era o maior e até o fato de Judas sair, logo após a refeição para buscar os soldados e prender Jesus.

Mesmo dizendo tudo isto, é bom usar estas informações históricas. É bom lembrar que Jesus tinha que seguir alguma ordem na celebração e que os discípulos já tinham participado de Páscoas desde a infância.

Jesus deve ter usado o terceiro ou o quarto copo na celebração da ceia, no meio da festa da Páscoa Judaica.

Lucas 21.17-20 faz referência a um copo de vinho (v.17-18) e depois celebra o que chamamos de "Ceia do Senhor" com a ordem pão+vinho (v. 19-20). Assim, o copo do verso 17 poderia ser o primeiro ou o segundo da festa judaica. O copo do verso 20 poderia ser o terceiro ou o quarto. [Também os pagãos tinham costume de usar quatro taças de vinho nos banquetes pagãos].

Embora isto não seja normativo para nós, parece que eles cantavam bastante durante a festa da Páscoa. Isto não quer dizer que devemos ou não devemos cantar durante a ceia. O importante é cumprir os objetivos da celebração: lembrar de Jesus.

Sobre a questão da comunhão.

Os antigos consideravam a refeição como um meio de ter comunhão ou associação. É por isto que Daniel e seus três amigos não queriam comer da comida que vinha da mesa do rei (além da comida ser impura e sacrificada a ídolos). Eles não queriam ter o compromisso incondicional de fidelidade com aquele com quem eles comiam. Veja que Paulo ficou bravo com Pedro em Gálatas 2, não porque Pedro pregasse falsa doutrina, mas porque Pedro não comia mais com os irmãos gentios (Gl 2.12). Na antiguidade, não comer com alguém significa não ter comunhão com ele. É por isto que Paulo diz que os fiéis não devem nem comer com o infiel (1Co 5.11). Para eles comer = comunhão. [Isto não quer dizer que hoje pensamos do mesmo jeito. Hoje comemos em restaurantes industriais ou escolares em grandes mesas, balcões ou em restaurantes comerciais sem prestar atenção sobre quem está à mesa conosco ou ao nosso lado. Não há o mesmo sentido de comunhão ao comer. Digo isto, antecipando-me à aqueles que não querem mais comer com a família por que não são cristãos ou são desviados da fé. O sentido de comunhão à mesa mudou com 20 séculos, mas o mandamento permanece. Não devemos fazer nada, com estas pessoas desviadas, que indiquem que nós apoiamos os seus pecados ou o seu desvio da fé.]

Assim, os textos que falam que o pão e o cálice são comunhão com Jesus (1Co 10.14-22) não estão falando de nada mágico, como se o pão ou o cálice fossem transformados por Jesus ou "possuídos" por um espírito de Jesus. Comer o pão e o cálice é declarar que temos comunhão com Jesus e não é o meio de adquirir esta comunhão. Foram os intérpretes gregos do Novo Testamento, nos séculos

posteriores, que, afastados da mentalidade judaica, interpretaram comunhão no sentido filosófico grego, que pode envolver uma participação na "essência" ou na "natureza" do outro. Contudo, o sentido da frase é do ambiente judaico de Jesus, de Paulo e da igreja antiga. Comunhão é comer junto, é ter compromisso com, é ter irmandade e participação.

Sobre a questão da linguagem: "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue", várias considerações indicam que o uso de Jesus é simbólico.

1) O texto diz literalmente "isto é o meu corpo" [Mt 26.26; Mc 14.22; Lc 22.19]. No grego, a palavra é SOMA, ou seja, descreve o corpo inteiro. É diferente da palavra "carne", no grego, SARX, que poderia designar parte dele. Isto quer dizer que, se Jesus estiver sendo tomado literalmente, o fragmento de pão tem que ser todo o corpo de Jesus. Será que isto é possível? Jesus não disse isto é "um pedaço da minha carne", mas a ideia é "todo o meu corpo". Isto não é possível já que Jesus estava ali, com seu corpo inteirinho, participando da ceia com eles. Contudo, mesmo que alguém insistisse em dizer corpo = carne, mesmo assim há o obstáculo intransponível da pessoa viva e verdadeira de Jesus no momento do proferimento das palavras "isto é meu corpo/sangue". O corpo e o sangue dele estão nele e não nos elementos.

2) O texto de Lucas 22.19 fala, literalmente, "isto é o meu corpo, o que é dado por vós", ou seja, tomado literalmente, tinha que ser "exatamente" o mesmo corpo que foi dependurado na cruz, ou seja, exatamente o corpo que estava "sendo usado" por Jesus. Isto é uma impossibilidade. [1Co 11.24 também faz a mesma declaração]

3) O texto de Mt 26.28 e Mc 14.24 dizem literalmente "este é o meu sangue da aliança", mas o texto de Lucas 22.20 diz literalmente "este cálice (é/simboliza)* a nova aliança por meio do meu sangue" [*não há verbo no original grego - o verbo é colocado pelo leitor] . Veja a diferença. Nos dois primeiros cálice [na verdade, o conteúdo do cálice] = o sangue. Em Lucas, o cálice [na verdade, o conteúdo do cálice] = Nova Aliança, e o sangue é apenas o meio pelo qual a aliança é obtida. 1Co 11.25 diz "esta cálice é a nova aliança no/por-meio-do meu sangue". Assim, os escritores bíblicos mostram que não é literalidade da equação cálice = sangue que vale. Como que os literalistas irão provar que o copo se transforma ou se consubstancia no corpo físico ou espiritual de Jesus?

4) Aqueles que querem tomar literalmente a frase 'isto é o meu corpo/sangue' precisam entender que no caso do sangue, literalmente Jesus diz "este CÁLICE é o meu sangue" ou "este CÁLICE é a nova aliança". Literalmente, é o cálice que é comparado, não o seu interior (o vinho). Contudo, se os intérpretes estão prontos para aceitar a figura de linguagem chamada "metonímia"³ ou seja, dar o nome do continente (recipiente) para significar o conteúdo, então estarão prontos para aceitar uma "metáfora"⁴, ou seja, dizer que o pão e o cálice simbolizam ou representam o sacrifício de Jesus na cruz, que foi feito com sua vida (carne e sangue).

5) O texto está cheio de outras figuras de linguagem.

Veja Lucas 22.19 "que é dado por vós". O verbo está no presente! O corpo será dado na cruz, no futuro, como é que Jesus usa o verbo no presente? Será que precisamos criar uma teoria que o sacrifício de Cristo começou na noite da páscoa? Será que ele já estava sendo sacrificado ali? Claro que não! Os gramáticos chamam esta figura de linguagem de "**heterosis**" de tempos, ou seja, entre outras coisas, usar o presente para significar o futuro imediato.

Também a expressão "fruto da videira" (Mt 26.29; Mc 14.25) é uma "**perífrase**" da palavra "vinho". Outra figura de linguagem neste texto. [Tomando literalmente a frase 'fruto da videira', deveria haver 'uvas' na mesa da páscoa?].

A repetição "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue" é o famoso "**paralelismo**" tão apreciado pelos hebreus e que notamos ao ler os Salmos e os Provérbios. "Paralelismo" também é figura de linguagem.

As palavras 'corpo' e 'sangue' são uma '**sinédoque**' ou seja, a figura de linguagem de usar 'uma parte pelo todo'. Afinal, Jesus não deu apenas seu corpo e seu sangue por nós, entregou tudo o que tinha, sua vida (Jo 10.17, no original *psyche*), sua alma (Jo 12.27), seu espírito (Jo 19.30), etc. Estas palavras 'corpo' e 'sangue' são dois modos de dizer a mesma coisa: tudo que Jesus era, ele entregou por nós na cruz.

Assim, podemos ter, num mesmo texto, muitas figuras de linguagem: sinédoque, metonímia, paralelismo, heterosis, perífrase e por que não

³ Cegalla, edição de 1974, p.442

⁴ Classificado como metáfora em E.W. Bullinger, F. Lacueva, **Diccionario de Figuras de Diccion usadas en la Biblia**, Barcelona, Editorial CLIE, 1985 [baseado no original de 1899], pág.629-30

uma metáfora! A frase “isto é o meu corpo/sangue” é só uma das muitas figuras de linguagem do texto.

6) O costume judaico faz com que compreendamos corretamente a linguagem de Jesus. No item 4) da celebração da Páscoa judaica, quando o pão era partido e, depois da oração, distribuído em pedaços pequenos, o chefe da casa diria: "Este é o pão da aflição que nossos pais comeram quando eles saíram do Egito" (pão de aflição - Dt 16.3). Ninguém acreditaria que aquele pão era 'literalmente' o mesmo ou o próprio pão comido 1400 anos antes de Cristo pelos patriarcas que saíram do Egito. Todos entendiam que a frase era simbólica. Não podia ser literalmente um 'pão feito de aflição' mas sim um pão de farinha, sem fermento, que representava ou que lembrava a aflição. Era um 'memorial' das aflições e não as aflições, literalmente falando. Assim, quando Jesus falou que o cálice era o sangue e que o pão era o corpo, ele queria ser entendido simbolicamente e não literalmente, como era entendido simbolicamente o chefe de uma família, quando falava do Êxodo.

7) A ceia é feita em memória de Jesus. Se é feita em memória, a ênfase está na lembrança dos seus atos salvadores e não em sua pretensa 'participação espiritual' nos elementos físicos do pão e do vinho. Se o pão fosse o corpo e o vinho fosse o sangue de Jesus por “qualquer-substanciação” que seja, o aspecto de memória fica enfraquecido. A Páscoa Judaica era feita para relembrar o Êxodo, mas não havia nada de 'trans-libertação' ou 'com-libertação' [Desculpe-me pelo trocadilho muito mal feito!!!].

8) Jesus sempre fez declarações metafóricas. Ele era a porta, o caminho, a ressurreição, o bom pastor, a videira, o noivo, etc. Literalmente, ele não era nada disto, mas metaforicamente ele é tudo isto e algo mais!

9) A ideia da “presença real” de Jesus não deve gerar confusão. Há vários sentidos pelos quais Jesus pode ser afirmado presente.

- “Onde estiverem dois ou três, reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20). Jesus está presente onde seus servos se reúnem. Não se restringe necessariamente à reunião dominical embora inclua também a reunião dominical, mas não apenas o pão e o vinho dominical.

- “E eis que estou convosco todos os dias, até à consumação do século” (Mt 28.20). Jesus está conosco todos os dias. Mas só tomamos a ceia no domingo.
- “Se alguém me ama ... faremos nele morada” (Jo 14.23). Obedecendo Jesus, o Pai e o Filho moram na pessoa (esta é a habitação do Espírito).

Estes poucos textos bastam para provar que a presença de Jesus conosco não tem nada a ver com os elementos da ceia: pão e vinho. Cristo se faz presente por ser nosso Senhor e Salvador.

10) Jesus disse: “Jamais beberei do fruto da videira até àquele dia em que o hei de beber, novo, no Reino de Deus” (Mc 14.25). O que isto quer dizer? Duas coisas:

- 1) que ele não participaria mais destes jantares⁵ com os discípulos até que o reino de Deus se cumprisse;
- 2) que ele participaria destes jantares com os discípulos quando o reino de Deus se cumprisse.

Ora, o reino de Deus foi **inaugurado** no dia de Pentecoste, quando Jesus foi proclamado rei (At 2.33). Logo, ele toma conosco deste fruto da videira, todas as vezes que nós participamos dela. Assim, Jesus não está no pão ou no cálice, mas está, espiritualmente conosco, quando celebramos a ceia. Novamente insisto. Ele não está nos elementos. Está conosco, ceando. Ele não está comendo o próprio corpo e bebendo o próprio sangue. Ele simplesmente está festejando conosco.

Mas o reino será **consumado** no fim dos tempos. O grande banquete messiânico, do qual a ceia do Senhor é mera antecipação, ainda não aconteceu. A festa definitiva com Deus (Mt 8.11-12) ainda não começou, mas vai começar na volta de Jesus (Mt 25.34 etc.). Assim, Jesus já participa conosco do banquete messiânico quando tomamos a ceia e no sentido mais pleno, ainda não participa, pois ainda não estamos nos céus (Ap 19.9).

11) Os cristãos foram acusados de serem canibais. A razão é porque os pagãos não entendiam o que se fazia na reunião. Estas calúnias também se aplicavam a outras coisas. Eles achavam que as reuniões dos cristãos davam ensejo a todo tipo de pecado sexual,

⁵ O fruto da videira é sinédoque de “jantares”, pois técnica e literalmente, Jesus tomou vinho azedo, vinagre, na cruz, para cumprir a Escritura e porque estava com sede (Mc 15.36; Jo 19.28-30). Ele tomou do ‘fruto da videira’ antes da vinda do Reino, mas não do jantar messiânico.

homossexualidade, pederastia e incesto, pois diziam que os cristãos tinham que 'amar uns aos outros'. Certamente os pagãos usaram o verbo 'amar' no sentido mais baixo possível. Os cristãos eram acusados de canibalismo, não por que os pagãos compreendessem qualquer coisa da ceia do Senhor, mas justamente porque não entendiam nada. Por isto, usar a opinião dos pagãos para adicionar uma evidência à doutrina da consubstanciação ou da transubstanciação é um erro. Tais opiniões eram totalmente ignorantes e não são evidência de nada, a não ser do fato que os cristãos participavam da ceia. Antes dos cristãos, os judeus eram caluniados. Havia uma lenda, que corria entre os pagãos, que no Dia da Expição, os judeus sacrificavam um grego no templo! Outra lenda dizia que a imagem do Deus dos judeus estava guardada no lugar Santo dos Santos do Templo e que era um 'asno de ouro'. Por isso era proibido ver o Deus dos Judeus, pois eram adoradores do asno. Veja que estas lendas sobre os judeus não tinham nenhum fundamento de verdade, mas circulavam. Assim, boatos dos pagãos sobre antropofagismo cristão não são evidência de coisa nenhuma. De fato, o pagão, Plínio, o jovem, governador da Bitínia no século segundo depois de Cristo, interrogou alguns cristãos e ex-cristãos e descobriu que a comida que eles comiam nas reuniões (inclusive a ceia do Senhor) era uma comida comum (ou seja, não havia nada de errado ou diferente com ela). Este é o relato de um pagão que foi verificar o que criam os cristãos.

12) O início histórico da linguagem da 'presença real' de Jesus nos elementos da ceia começou no segundo século, quando os cristãos, querendo combater os gnósticos docetistas começaram a falar da carne (SARX) de Jesus como elemento de salvação, já que aqueles hereges diziam que Jesus era apenas um espírito sem carne. O problema destas afirmações, é que com os séculos e com o uso da filosofia grega, a ideia de uma "substanciação" dos elementos iria brotar dali uns 300 anos. O mesmo ocorreu com a frase "Mãe de Deus". No início, esta frase foi criada para afirmar que Jesus era divino já no ventre de Maria, contra aqueles que diziam que a parte divina só entrou no homem Jesus mais tarde. Contudo, com o passar dos anos a frase "mãe de Deus" é título de honra para Maria e não tem mais nada a ver com honra para Jesus. Assim, o erro de associar os elementos da ceia com o corpo e o sangue de Jesus, pode ser traçado na história, mas não vem do Novo Testamento.

É necessário o uso de pão ázimo na ceia?

PERGUNTA: Podemos usar qualquer tipo de pão na celebração dominical da ceia do Senhor ou temos que usar sempre o pão sem fermento, isto é, o pão ázimo? (Também chamado de pão asmo).

RESPOSTA: Creio que a melhor resposta para nós, cristãos cosmopolitas e ocidentais, é que sim: devemos ter o cuidado de usar pão sem fermento nas nossas celebrações da ceia do Senhor. O cuidado de usar pão sem fermento decorre das seguintes constatações e ponderações:

- 1) Na Páscoa judaica, Jesus teria usado pão sem fermento [ninguém ousaria dizer o contrário]. Logo, a melhor participação neste memorial deve buscar os elementos mais semelhantes aos utilizados por Jesus.
- 2) [Hoje, os judeus fabricam este pão e vendem para muitas igrejas o ano todo e não só na páscoa judaica]
- 3) A menção de "celebrar a festa com os ázimos da sinceridade e da verdade" (1Co 5.8) poderia não ser apenas uma alusão à festa judaica anual, mas uma alusão à festa semanal (dominical) cristã, que estaria sendo realizada também com pães sem fermento, mesmo em Corinto.

Dito isto, é bom ponderar:

- De fato, não temos a composição química (fórmula) do vinho usado no tempo de Jesus, mas sabemos que ele não era como o nosso "suco de uva" e nem como o nosso "vinho comum". Talvez sua fórmula fosse um intermediário entre estes dois produtos modernos, contudo, ninguém briga sobre isto, exigindo um teor mínimo e máximo de álcool, mosto e outras coisas no nosso "cálice". Assim, hoje não nos preocupamos com a fórmula do suco, mas ficamos mais atentos à fórmula do pão.
- Da mesma forma, mesmo não negando que Jesus tenha comido pão sem fermento, não é possível provar, nem mesmo por 1Co 5.8, que temos que seguir uma "receita sem fermento de pão" para celebrar a ceia. Não podemos provar que nos outros lugares onde o evangelho foi pregado tenham se utilizado sempre de pão ázimo. Há um grande silêncio bíblico sobre a questão do tipo de pão a ser usado na ceia. Certamente, o silêncio da Bíblia pode ser usado de dois modos. Uns dizem que

o silêncio prova que não usavam pão especial e outros dirão que o silêncio prova que todos sabiam qual era o pão correto para usar, e por isto, não precisava ser escrito ou ordenado para ser feito.

- Lembre-se que hoje, na ceia do Senhor celebrada na maior parte das igrejas, tomamos um fragmento e pão e um copinho simbólico do fruto da videira. Creio que nas igrejas antigas a quantidade de pão e vinho consumidos deveria ser maior e não apenas um “símbolo” de refeição. Digo isto, não para que aumentemos a quantidade consumida, mas para que entendamos que nossa prática não captura todos os ambientes e toda a forma das antigas celebrações feitas em casas e normalmente acompanhadas de uma janta com toda a igreja (as festas de fraternidade chamadas em português de “ágapes”).

Então, que postura tomar? E melhor tomar uma postura segura, bondosa e não-legalista.

- Tomar uma postura segura, para mim, significa fazer o que for mais próximo possível ao ensino e prática de Jesus. Se ele comeu pão sem fermento e eu também posso comer. Qual a razão para não tentar fazer o que é mais próximo do ato e costume dele? Se isto não é importante, meu cuidado neste ponto não desagradará Jesus. Se, contudo, eu estiver enganado em meu raciocínio e Jesus exigir o uso de pão sem fermento, o uso deste pão ázimo será fundamental, mesmo que feito apenas como um cuidado adicional. Como dizem: "O seguro morreu de velho!" Se eu fosse começar um trabalho novo, onde ninguém sabe nada sobre o assunto, usaria pão sem fermento no culto.
- Tomar uma posição bondosa significa não chocar irmãos que por costume ou por crença doutrinária (certa ou equivocada), acham que o único pão na ceia deve ser o ázimo. Não preciso brigar sobre isto - pão sem fermento também é pão: vamos usar o pão sem fermento e mostrar amor e unidade na igreja!
- Tomar uma posição não-legalista significa não afirmar que o uso de pão sem fermento é uma "lei de Cristo" ou uma "doutrina fundamental" do evangelho. De fato, o uso do pão sem fermento é um cuidado que não deve ser transformado em lei. Veja as seguintes ponderações: a) Se é só uma opinião, não deve ser transformada em mandamento; b) Se é um mandamento, é um mandamento difícil de encontrar de modo

claro e expresso na Bíblia, a não ser por meio de reconstruções da história ou do ambiente cristão antigo; c) Se é um cuidado com os dados bíblicos e com as pessoas, vale o esforço, mantendo o espírito de humildade e amor.

No início desta resposta, falei que ela é válida para nós, cristãos ocidentais e cosmopolitas. Para nós, é fácil ter pão sem fermento e vinho ou suco de uva na ceia do Senhor. Mas é bom lembrar que nem todas as sociedades são assim.

Em sociedades tribais e afastadas da civilização industrial e comercial, os missionários tem muitas dificuldades ao encontrar, nestas culturas tribais, o que utilizar para a celebração da ceia do Senhor. Muitas vezes, uma tribo não usa e nem tem acesso ao trigo e muito menos a suco de uva, produtos não produzidos por eles e não acessíveis a eles que vivem afastados do mundo civilizado. Logo, alguns missionários em terras distantes da África e até de ilhas do Pacífico ensinaram as igrejas locais a celebrarem a ceia com seus produtos locais. Em certa tribo, eles utilizaram mandioca (ou pão de mandioca) e suco de beterraba (ou de outra fruta vermelha). Isto pode chocar alguns, mas a questão é: “Para ser cristão é necessário aprender agricultura do trigo e da uva? Os cristãos antigos, além de ensinar o evangelho, ensinavam agricultura também?” Claro que não.

Assim, creio que devemos insistir no uso de pão sem fermento e de vinho ou suco de uva nas nossas igrejas, mas entender que em muitos casos, as coisas não são tão fáceis e tão simples.

Esta postura deve ensinar humildade para com os outros e muita responsabilidade na obra do Senhor.



Sobre a periodicidade da ceia do Senhor

Alguns elementos nos ajudam a pensar sobre o dia da reunião dos cristãos:

I. Sobre o domingo.

A. Somente 3 textos falam sobre a reunião cristã no domingo: At 20.7; 1Co 16.1-2; Ap 1.10.

Atos 20.7 é um texto narrativo - se a narração pode/deve ser tomada como norma, o leitor decidirá com base nos seus pressupostos de interpretação bíblica que discutirei mais tarde (Veja o item II. Pressupostos)

1Co 16.1-6 é um texto normativo - ou seja, Paulo ordena e regulamenta a prática das ofertas para as igrejas da Judéia - pelo que se percebe no texto, o regulamento também estava em uso na Ásia (igrejas da Galácia) assim como ele o apresentava na Europa (Acaia).

Apocalipse 1.10 não fala de reuniões, mas mostra que o termo KYRIAKE HEMERA, "domingo" [nas traduções, "dia do Senhor"], já era um termo consagrado e utilizado para falar do primeiro dia da semana. Este dia da semana não tinha este nome especial nas tradições religiosas de Israel - a conclusão é que o dia ficou com um nome especial pois nele se tomava o KYRIAKE DEIPNON, a "ceia do Senhor" (1Co 11.20).

B. Fora destas menções, outra insistência neotestamentária sobre o domingo vem dos relatos da ressurreição: TODOS os evangelhos falam que Jesus ressuscitou num domingo - Mt 28.1; Mc 16.2 [e 16.9]; Lc 24.1; Jo 20.1.

[Isto combina com a constante menção do "terceiro dia" para a ressurreição de Jesus: Mt 16.21; 17.23; 20.19; (27.63); 27.64; Lc 9.22 (Lc 13.32 - uso simbólico); 18.33; 24.7, 21, 46; (Jo 2.1 - terceiro dia como dia de mostrar a glória = uso simbolizante); At 10.40; 1Co 15.4. Também a ideia de "três dias" - Mt 12.40; 26.61; 27.40, 63; Mc 8.31; 9.31; 10.34; 14.58; 15.29; (Lc 2.46 - uso simbólico - ao terceiro dia, Jesus seria revelado Filho de Deus); Jo 2.19, 20.

C. Algumas aparições de Jesus ressurreto ocorreram em domingos - Mc 16.9; Lc 24.13 [e, talvez, v. 34, supondo que ocorresse antes do fim do dia ou exatamente no crepúsculo (veja v. 29 que diz que o sol já declinava)]; O Evangelho de João faz questão de marcar os

domingos em sua narrativa - Jo 20.1 = domingo; 20.11-18 - aparição de Jesus a Madalena no domingo; 20.19 - por do sol do domingo, Jesus aparece aos discípulos na ausência de Tomé (ainda é domingo); 20.26 - oito dias depois, é um modo de contar uma semana, incluindo o dia inicial (de domingo a domingo temos 8 dias) [uma versão siríaca do terceiro/quarto século diz, neste verso, 'noutro primeiro dia da semana'].

D. Embora o Novo Testamento não faça questão disto, parece que a igreja começou num domingo:

“Os saduceus celebravam esta festa no quinquagésimo dia (cálculo inclusivo) partindo do primeiro domingo depois da páscoa (considerando o ‘sábado’ de Lv 23.15 como sendo sábado semanal); sua maneira de computar regulava a observância pública enquanto havia Templo em Jerusalém, e a Igreja, por conseguinte, está justificada em comemorar o primeiro Pentecoste Cristão em um domingo. Os fariseus, entretanto, interpretavam o ‘sábado’ de Lv 23.15 como a Festa dos Pães Ázimos (cf. Lv 23.7) e sua maneira de computar tornou-se normativa depois de 70 d.C., pelo que, no calendário judaico, o Pentecoste atualmente cai em vários dias da semana.”⁶

dom	seg	ter	qua	qui	sex	sab
					CRUZ	
1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.
8.	9.	10.	11.	12.	13.	14.
15.	16.	17.	18.	19.	20.	21.
22.	23.	24.	25.	26.	27.	28.
29.	30.	31.	32.	33.	34.	35.
36.	37.	38.	39.	40.	41.	42.
43.	44.	45.	46.	47.	48.	49.
50.						

E. A história da igreja é unânime e conclusiva ao afirmar que os cristãos reuniram-se no domingo:

⁶ D. Freeman, “Pentecoste, Festa de” in J. D. Douglas, *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo, Edições Vida Nova, 1978, vol. 3, p. 1265.

As primeiras evidências circunstanciais do NT apontam para duas direções:

i) no início, em Jerusalém, as reuniões eram diárias, tanto nos grandes ajuntamentos nos pátios e pórticos do Templo como nas casas (Atos 2.42-47). Em vários momentos, de trabalho missionário, as reuniões também podem ter sido diárias (Atos 19.9 - embora estas fossem reuniões de evangelização e de ensino/treinamento);

ii) o exemplo do que ocorreu em Corinto, mostra que as reuniões, sobretudo para participar da ceia, eram semanais, pois Paulo fala que eles cometiam erros na celebração da ceia nas reuniões costumeiras deles (1Co 11.17, 20 e 33 - falam de uma certa regularidade ou hábito de reunir-se que não parece ser diário, mas encaixa-se bem com uma situação semanal).

Assim, temos a ideia de que os cristãos podiam reunir-se em qualquer tempo, mas que no domingo eles tinham algo especial ligado à ceia do Senhor. Hebreus 10.25 fala desta mesma regularidade de reunião, sem ser muito específica.

A história da igreja posterior fala dos domingos como dia de reunião e de tomar a ceia:

Didaqué 14.1 - reunidos cada dia do Senhor (*kata kyriake de kyriou*) para partir o pão e dar graças

Inácio aos Magnésios 9 - não guardando o sábado, mas vivendo segundo o domingo (*kyriake*)

Barnabé 15.8-9 - os cristãos guardam o "oitavo dia" no qual Jesus ressuscitou, manifestou-se e subiu aos céus

Justino, Apologia I 67.1-7 - no dia que se chama "sol" havia reuniões cristãs em toda parte, pois era o dia da ressurreição e das aparições de Cristo. Nesta reunião, eles tomavam a ceia - uma refeição com alimentos consagrados.

Justino, Diálogo com Trifo 41.4 - fala que como os meninos eram circuncidados no oitavo dia, Jesus ressurgiu no primeiro dia da semana para circuncidar-nos do erro e da maldade, pois o primeiro dia da semana é o oitavo, contando em um ciclo.

Epístola dos Apóstolos 18 - o oitavo dia é o dia do Senhor

Evangelho de Pedro 9.34-35 e 12.50-51 - No domingo (*kyriake*) de noite, Jesus ressuscitou. Na manhã do domingo (*kyriake*) as mulheres foram ao túmulo de Jesus.

Clemente de Alexandria, Miscelâneas 5.14.106.2 - Platão teria previsto, profeticamente, o dia do Senhor no Décimo livro da República;

Clemente de Alexandria, Miscelâneas 6.16.138.1 - o sétimo dia era de descanso para abstenção do mal em preparo para o Dia Primal, que é o verdadeiro descanso (referindo-se ao domingo);

Clemente de Alexandria, Miscelâneas 7.12.76.4 - liga o dia do Senhor com o dia da ressurreição.

Tertuliano, Aos Gentios 1.13 - alguns supõem que os cristãos adoram o sol por se reunirem no domingo

Bardesanes, Sobre o destino - afirma que os cristãos se reúnem no primeiro dia da semana

Eusébio, História Eclesiástica 3.27.5 - fala que os Ebionitas observam o sábado, mas que como os outros cristãos usam o domingo para lembrar a ressurreição de Jesus

O pagão, Plínio, governador da Bitínia, escrevendo a Trajano, já dizia que os cristãos em determinados dias costumavam reunir-se e comer antes da alvorada. Isto condiz com o que todos os autores antigos falaram.

F. Assim, não há dúvidas sobre a importância do domingo na história do Cristianismo.

II. Sobre os pressupostos de interpretação bíblica e sobre a metodologia de uso da mesma para a igreja de hoje.

Embora o texto bíblico e a história sejam claros em afirmar que o domingo recebe grande ênfase, questões metodológicas precisam ser esclarecidas;

Acreditamos que a igreja hoje tem que se assemelhar à igreja antiga no que for possível? Ou acreditamos que o testemunho histórico (do livro de Atos, por exemplo) seja apenas a descrição da igreja daquela época, não sendo necessário imitar as práticas deles?

Esta é a verdadeira questão!

Se acreditamos que só os mandamentos obrigam a obediência, poucas obrigações teremos no NT.

Se acreditamos que os exemplos de práticas de mandamentos nos dão o modelo de como obedecer, então teremos mais elementos para definir um mandamento.

Na questão específica, se alguém só quiser praticar a ceia no domingo se houver um mandamento do tipo "reunir-te-ás no domingo para partir o pão", então este mandamento não existe e a prática da ceia do Senhor, embora habitual, não está ligada a qualquer dia ou qualquer periodicidade.

Mas, na mesma questão, se nosso alvo é usar a Bíblia como "cânon", ou seja, como "regra", então um exemplo bíblico, usado para descrever a prática de um mandamento, pode tornar-se "mandamento" embora não tenha verbos no imperativo e nem formato de mandamento.

Eu acho que este é o caso mais comum na Bíblia, pois, muitas vezes, os exemplos registrados de uma prática nos ajudam a definir o modo de cumprir um mandamento. Quando um mandamento é dado e quando encontramos um exemplo do cumprimento deste mandamento, temos orientação divina para a questão. No caso da ceia, temos o mandamento de lembrar de Jesus e temos Atos 20.7 (ajudado por 1Co 16.1-2 e Ap 1.10) mostrando como o mandamento foi cumprido - isto basta para ter a melhor informação de como cumprir aquele mandamento. Mandamento+exemplo = mandamento completo!

No caso do batismo, por exemplo. Em nenhum texto há o mandamento de batizar imediatamente à decisão de fé do ouvinte do evangelho, mas, observando o livro de Atos e compreendendo a razão do batismo como momento do novo nascimento e da recepção do Espírito, então, batizamos todo o que crê imediatamente, sem demora. Mesmo que não exista mandamento para isto, os exemplos que temos se apoiam na teologia da salvação que Cristo concede no batismo. Logo, os exemplos nos dão detalhes do cumprimento do mandamento.

Por outro lado, há pessoas e igrejas que só vão aceitar mandamentos diretos. Nestes casos, o que se percebe é que a igreja usa mesmos a Bíblia do que poderia e, por não seguir os exemplos apostólicos e bíblicos, inicia tradições e práticas baseadas em outros princípios -

por exemplo: ceia uma vez por mês ou uma vez por ano, ou em qualquer dia da semana. Eles se justificam dizendo: "Não há um mandamento claro". Até certo ponto, eles têm razão, mas será que esta outra escolha "livre" não poderá criar ou produzir efeitos indesejáveis? Por exemplo, ceia um vez por ano? Só cumprir o mandamento de lembrar de Jesus uma vez por ano? Ou ainda, será que o abandono de boas evidências do Novo Testamento não irá criar outras doutrinas não bíblicas? O que se percebe é que quando se deixa de usar a sugestão da Bíblia para ficar com uma sugestão humana, perdemos, pois na Bíblia temos sempre uma ideia aprovada e divina. As ideias humanas não são assim.

Assim, volto a enfatizar que os que querem a igreja mais próxima possível ao padrão bíblico vão tentar usar toda a informação bíblica, com bom senso, para reconstruir, hoje, uma igreja como a de Jesus.

Aqueles que não acreditam em um padrão bíblico, perderão muita informação bíblica, fazendo a igreja conforme um projeto moderno. Contudo, isto acarretará no mesmo tipo de mudança que gerou a igreja romana e muitas outras divisões do cristianismo. Todas as divisões do cristianismo usam o Novo Testamento, mas poucas querem usá-lo 100% como modelo para a igreja. Assim, o resultado é divisão e, ocasionalmente, falsa doutrina.



Necessidade na oferta a Deus

PERGUNTA: É necessário ofertar ou não? Deus não quer que ofertemos por necessidade (2Co 9.7) mas de um jeito ou outro, quando falamos do “mandamento” de ofertar, não estamos falando de uma necessidade?

Façamos um rápido estudo da palavra “necessidade” no Novo Testamento.

“Necessidade” tem a ideia de obrigação. A palavra grega é ANANCHE (lê-se “ananqué”, pois o “ch” tem som de “qu_”). Ela ocorre em:

Rm 13.7 - é necessário obedecer o governo

1Co 9.16 - é necessário pregar o evangelho

2Co 6.4 - passar 'privações' é a palavra para passar 'necessidades'

Fm 14 - fala que “obrigação” (=necessidade) é o contrário de “boa vontade”, ou seja, fazer algo livremente.

Jd 3 - diz que o autor sentiu-se “obrigado” ou com a “necessidade” de escrever a carta

Há outros lugares onde a palavra aparece, mas estes exemplos bastam para dar uma ideia.

A ideia da palavra de ser submetido a uma situação que tira nossa liberdade e nossa capacidade de agir de outro modo. A ideia é de ser forçado a algo, seja bom ou ruim: Alguém pode ser forçado a passar por necessidades (2Co 6.4, ou seja, é forçado a ficar sem o necessário para viver); ocasionalmente, a pessoa supera suas necessidades e consegue dominar até seus sentimentos (1Co 7.37, ou seja, consegue viver sem ter que suprir suas necessidades sexuais). De qualquer forma, necessidades são coisas que nos obrigam e nos fazem “ter que fazer algo”.

Aplicando ao texto da oferta (2Co 9.7).

Paulo não queria que os coríntios ofertassem por estarem sendo forçados por Paulo ou por outras igrejas. Ele queria que eles ofertassem com alegria e amor: com genuíno desejo de agradar a Deus e servir aos irmãos. É possível fazer o bem de modo forçado (como talvez Caim ofertou por obrigação), mas Deus se deleita (ama)

naquele que dá com a mesma alegria que Ele, Deus, manifesta ao nos abençoar e nos dar todas as coisas.

Certamente, a oferta supre necessidades dos santos (2Co 9.12 - a palavra 'necessidades' aqui é outra e significa 'as coisas que faltam'), mas nós não devemos ofertar obrigados e com tristeza (palavra que vem antes de necessidade no verso estudado). Nossa oferta sendo alegre e livre (voluntária) mostrará nossa alegria. Assim, Deus ama quem dá com alegria.

Mas surge uma questão: "Deus não ama a todos indistintamente? Como é que Deus ama (mais) a que dá com alegria? Será que ele ama (menos) quem dá com tristeza? Será que Deus faz acepção de pessoas?"

Duas respostas:

Primeiro, Deus ama todos, mas seu amor pode manifestar-se de modo maior e especial naqueles que manifestam atitudes de doação e generosidade semelhantes à atitude do próprio Deus. Deus é o grande doador generoso de tudo para todos, logo, aqueles que agem como ele tem uma "ligação a mais" com ele. São amigos de Deus.

Segundo, Deus ama a quem dá com alegria porque quem dá com alegria, tem a esta alegria da parte de Deus. Ou seja, se está dando alegremente, é porque reconhece que Deus está amando muito a ele. Quem está tão alegre é porque reconhece que Deus o ama, e, neste reconhecimento, fica generoso e bom. É o caso de Lc 7.47. "Perdoados são os seus pecados porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama". Neste caso, o amor intenso da mulher por Jesus mostrava que ela devia ter sido muito perdoada, logo: muito amor = muito perdão recebido anteriormente. O caso da oferta é o mesmo: dar bastante = estar muito ciente do amor de Deus, logo: Dar muito = estar recebendo muito amor de Deus.

'Ofertar segundo tiver proposto no coração', é fazer uma oferta motivada por motivos interiores, pensamentos de "dentro" [= coração] e não por motivos exteriores, coisas de "fora" [=necessidades].

Usando o coração, ou seja, a mente, iremos pensar bem ao ofertar e não sentir mal [=tristeza].

Ofertar é mandamento, mas é um doce mandamento para aqueles que entendem o amor de Deus e praticam seus mandamentos como

resposta de amor e não como resposta forçada por algo que não seja o próprio amor a Deus.



Escola de Teologia em Casa
TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA

Curso Livre de Teologia por meio de EaD - **moodle®**

www.teologiaemcasa.com.br



Álvaro César Pestana
Professor de Teologia da
Escola de Teologia em
Casa e do Seminário
EBC/SP.



“Muitos são chamados, mas poucos conseguem ir”.

Esta não é exatamente a frase de Jesus, mas descreve a situação da demanda por educação teológica bíblica.

Muitos discípulos de Cristo sentem a necessidade de um estudo bíblico-teológico mais aprofundado e que responda às questões que nosso ambiente pós-moderno nos propõe.

Contudo, somente uns poucos conseguem deixar as casas, os trabalhos, os ministérios e a cidade em que moram para procurar um seminário.

A **Escola de Teologia em Casa** oferece uma possibilidade de reverter esta situação fazendo com que “mais e mais chamados sejam capacitados” para o ministério cristão em suas próprias casas.

A Tecnologia da Informação já mudou nossa vida e é apontada como o grande caminho para a Educação do futuro e para o futuro da Educação.

Acreditamos que a capacitação teológica obtida “em casa” ficará muito mais próxima das reais necessidades do discípulo de Cristo que aprenderá e aplicará a Escritura no seu contexto de vida. Estude na **Escola de Teologia em Casa** e viva **TEOLOGIA NO CONTEXTO DA VIDA**.

ISBN: 978-85-910184-4-4